UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

NAIR LEMOS PAULO SIMAS

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO CURSO DE PEDAGOGIA

FORTALEZA – CEARÁ
2013

NAIR LEMOS PAULO SIMAS

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO CURSO DE PEDAGOGIA

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.ª Me. Tânia Maria de Sousa França.

FORTALEZA – CEARÁ
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho

Bibliotecário Responsável – Francisco Welton Silva Rios – CRB-3 / 919

S588e Simas, Nair Lemos Paulo

O estágio supervisionado e a formação docente : uma experiência formativa no curso de pedagogia / Nair Lemos Paulo Simas . -- 2013.

CD-ROM. 72 f. : 4 ¾ pol.

"CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm)".

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2013.

Orientação: Prof.ª Me. Tânia Maria de Sousa França.

1. Formação de professores – estágio supervisionado. 2. Autobiografia. 3. Aprendizagem docente. I. Título.

CDD: 370.71

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

CURSO DE PEDAGOGIA

Título do Trabalho:

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO CURSO DE PEDAGOGIA

Autora: NAIR LEMOS PAULO SIMAS

Defesa em: 19 / 08 /2013

Conceito obtido: satisfatório

Nota obtida: 10,0

Banca examinadora:

Tânia Maria de Sousa França

Profª Ms. Tânia Maria de Sousa França - Orientadora

Maria do Socorro de Sousa

Profª Ms. Maria do socorro de Sousa

Dedico minha monografia aos amigos com quem convivi durante esse período de minha vida, aos familiares com quem dividi as experiências que sempre me ouviram com atenção, ao acompanhamento da minha orientadora a qual foi fundamental na construção desse trabalho e ao meu noivo por me acompanhar, mesmo quando distante durante esse processo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a Ele seja dada toda honra e toda glória, pela conquista de mais um sonho.

A todas as pessoas envolvidas nesse trabalho: amigos com quem troquei saberes, aos professores com quem aprendi ser o que sou e a todos que de alguma forma fizeram parte desse processo.

Somos o que fazemos para transformar o que somos.

A identidade não é uma peça de museu,

quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa

síntese das contradições nossas de cada dia.

(Eduardo Galeano)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema o estágio supervisionado e a formação docente: uma experiência formativa no curso de pedagogia e se desenvolveu a partir da experiência vivida por uma aluna no decorrer dos anos de formação do curso de Pedagogia. Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar as experiências vividas no período em que foram cursadas as disciplinas de Estágio Supervisionado por uma aluna do curso de pedagogia, a fim de refletir sobre as contribuições que estas tiveram na sua formação docente. Como metodologia a abordagem de pesquisa qualitativa foi a que melhor se adequou e como modalidade, foi utilizada a pesquisa (auto)biográfica. O trabalho está organizado em três capítulos: o início do percurso formativo; refletindo sobre experiências formativas: o caso dos estágios supervisionados; saberes construídos e aprendizagens: a docente que estou sendo. Os resultados da pesquisa apontam que escrever sobre algo que se vive é uma tarefa complexa, pois ao mesmo tempo em que escrevemos a respeito da experiência passada fazemos novas reflexões sobre o assunto, exercício que requer diálogo entre o que se escreve o que se viveu e o que se pode aprender com a experiência.

Palavras-chave: Formação de professores – estágio supervisionado; Autobiografia; 3. Aprendizagem docente.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	**O INÍCIO DO PERCURSO FORMATIVO**	13
1.1	**Modelos de docência**	16
1.2	**O curso de pedagogia**	18
1.3	**Sentimentos no primeiro contato com o curso**	18
1.4	**Primeiros professores, disciplinas e aprendizagens**	20
2	**REFLETINDO SOBRE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS: O CASO DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS**	23
2.1	**Estágio supervisionado I**	24
2.1.1	**Contextualizando o lócus do estágio**	25
2.1.2	**Momento de observação**	26
2.1.3	**O que aprendi com e no estágio I**	32
2.2	**Estágio supervisionado II**	33
2.2.1	**Contextualizando o lócus do estágio: escola e sala de aula**	34
2.2.1	**Momento de observação**	37
2.2.3	**Momento de estudo teórico**	39
2.2.4	**Momento de regência**	46
2.2.5	**O que aprendi com e no estágio II**	51
2.3	**Estágio supervisionado III de livre escolha**	52
2.3.1	**Contextualizando o lócus do estágio**	53
2.3.2	**Momento de observação**	53
2.3.3	**O que aprendi com e no estágio III**	61
3	**SABERES CONSTRUÍDOS E APRENDIZAGENS: A DOCENTE QUE ESTOU SENDO**	63
3.1	**Saberes da experiência**	63
3.2	**Saberes do conhecimento**	65
3.3	**Saberes pedagógicos**	66
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

Quando começou o processo de orientação da monografia a escolha da minha temática aconteceu em decorrência de diversos fatores.

Primeiramente, desde o início do curso de Pedagogia, desejei estudar a respeito das primeiras conquistas alcançadas por crianças pequenas, as quais são importantes para seu desenvolvimento no futuro. Pensei em pesquisar sobre algum assunto ligado ao corpo e como este é utilizado dentro do contexto escolar, pois durante minha adolescência pratiquei vôlei e queria descobrir como a prática desse esporte influenciou no processo de apreensão dos conteúdos curriculares. Então escolhi escrever sobre pedagogia do esporte. No entanto, estava insatisfeita com o meu tema, pois só conseguia encontrar material para fundamentação teórica de minha pesquisa escrita por educadores físicos e poucas vezes consegui encontrar algo que de fato contribuísse para meu estudo.

Depois no quarto semestre trabalhei em uma creche com crianças de 1 e 3 anos de idade. Pude observar que o desenvolvimento desses indivíduos ocorre a partir das relações dessas crianças com o mundo e com pessoas que a cercam. Muitas dessas relações se estabelecem a partir da brincadeira, seja ela livre ou dirigida pelo professor. Durante esse período, uma das atitudes de professores que me incomodou bastante, foi o fato de não vivenciar cotidianamente o brincar, a professora não incluírem um tempo destinado à manipulação livre do brinquedo. Diante disso, fiquei me questionando se esses professores compreendem a importância do brinquedo no desenvolvimento psicomotor e social das crianças. Diante disso, desejei estudar como a construção desse desenvolvimento ocorre, utilizando o brincar para promover o desenvolvimento de tais habilidades.

Essa ideia foi reforçada ao cursar a disciplina “Psicomotricidade”, então, após o primeiro contato com a disciplina em que a professora apresenta a proposta de estudo, encontrei o que queria pesquisar. Neste mesmo semestre fiz a disciplina de “Fundamentos da leitura e da escrita” e decidi especificar ainda mais a minha pesquisa, utilizando conhecimentos adquiridos tanto pela Psicomotricidade como de Fundamentos da leitura e da escrita. Quando indaguei: O professor realiza atividades psicomotoras? Como essas são desenvolvidas? O educador tem a consciência da relevância da

psicomotricidade no processo de aprendizagem? Com tudo, a questão central deste estudo é investigar como a psicomotricidade influencia na alfabetização.

Iniciei um estudo sobre Psicomotricidade, e ao estudar sobre o assunto pude notar diversas contribuições da mesma no desenvolvimento criança. Muitos estudiosos abordam sobre a influência da psicomotricidade na aprendizagem infantil, dentre estes, podemos citar Carvalho, Nogueira e Pessanha (2007), as quais realizaram uma pesquisa que comprovam os benefícios da psicomotricidade para o processo de alfabetização. As autoras verificaram que as crianças que possuem problemas psicomotores tendem a apresentar dificuldades no desenvolvimento da alfabetização de forma satisfatória. Para elas, é necessário que os educadores compreendam o homem de forma holística, integrada. Alegam que a combinação de fatores como a cognição, linguagem, afetividade e psicomotricidade contribuem para que o indivíduo possua sucesso no processo de alfabetização.

A pesquisa visava compreender a influência da psicomotricidade na alfabetização, identificar as práticas psicomotoras nas atividades realizadas pelo professor, descrever essas atividades e definir os conceitos de psicomotricidade e alfabetização. Queria com a pesquisa proporcionar uma nova forma de compreender o processo de alfabetização e contribuir para as pesquisas sobre esta temática, trazendo um novo olhar sobre o uso da psicomotricidade no âmbito educacional.

Nova insatisfação, não conseguia avançar. O envolvimento com o trabalho como estagiária de uma creche e as disciplinas do curso de pedagogia, especialmente os estágios supervisionados me preenchiam o tempo e me fizeram refletir: como estou construindo a minha identidade profissional? Resolvi então, olhar para mim mesma e indagar: como estou me formando? Quais as aprendizagens significativas? Que saberes estou construindo?

Passei então a olhar para o curso de Pedagogia e especialmente para os estágios supervisionados, que nesse curso na UECE (Universidade Estadual do Ceará) é proposto aos alunos em um currículo composto por nove semestres, sendo que somente nos três últimos pode-se observar que as disciplinas de Estágio Supervisionado I, II e III, onde no Estágio I refere-se ao nível de ensino da Educação Infantil, o Estágio II aos anos iniciais do Ensino Fundamental (Fundamental I) e o Estágio III é de livre escolha

aos alunos, onde cabe a eles cursarem as disciplinas que são pré-requisito para o estágio, no meu caso, o Estágio III foi destinado a gestão escolar.

No curso de graduação em Pedagogia, os dois primeiros estágios, os quais são de caráter obrigatório, são destinados a Educação Infantil e Ensino Fundamental (anos iniciais), e o Estágio supervisionado III é uma disciplina de natureza optativa, ou seja, o aluno é quem escolhe o que deve fazer no estágio III. A disciplina de estágio funciona como aprofundamento da área em que o mesmo vai seguindo durante sua escolha nas disciplinas optativas. A escolha em cursar esta disciplina no campo da gestão educacional, deveu-se ao fato do meu interesse em conhecer como funciona a gestão na escola, buscando possuir uma visão mais completa do pedagogo dentro de um ambiente escolar.

A experiência dos estágios foi bastante produtiva, mesmo que já possuísse experiência nas áreas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, é interessante ter um acompanhamento de um educador que tenha o objetivo de nos orientar como agir em uma sala de aula, como planejar, pois quando já se trabalha na área, na maioria das vezes apenas fazemos aquilo que é proposto pela instituição, nos moldando de acordo com esta, dificilmente, propõe-se a reflexão da prática. De acordo com Lima e Pimenta 2004, o estágio para quem já exerce o magistério funciona como um instrumento por qual se proporciona a reflexão da prática docente possibilitando uma ressignificação dos saberes possuído.

Após cursar a disciplina de Estágio Supervisionado II, pude pensar sobre a construção de uma identidade enquanto educadora. A partir disso, refleti sobre as outras disciplinas de prática de ensino, analisando como estas contribuíram para meu aprendizado. Pude observar que as outras disciplinas de Estágio de fato contribuíram para o meu ser professor, em como eu devo me portar diante situações em que apenas analisando como ocorreram as outras duas disciplinas referentes aos estágios.

A escolha por essa temática ocorreu após a reflexão dos saberes abordado nessas disciplinas, desde então, desejei estudar como essas práticas contribuíram para a minha formação. Diante disso desejei analisar como as disciplinas de Estágio Supervisionado contribuíram para minha identidade, através de análise e observações de eventos que possibilitaram a reflexão e a uma mudança de práticas, ressignificação de saberes proporcionado pela prática de ensino na universidade.

Desta forma, o trabalho tem como objetivo geral descrever e analisar as

experiências vividas no período em que foram cursadas as disciplinas de Estágio Supervisionado, a fim de refletir sobre as contribuições que estas tiveram em minha formação docente.

Ao resgatar essa história fui percebendo que a abordagem de pesquisa que melhor se adequa era a qualitativa uma vez que

> responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não deve ser quantificado, ou seja, ela trabalha com um universo de significados motivos, crenças valores e atitudes. (MINAYO, 1994, p. 21 e 22)

E como modalidade, a pesquisa (auto)biográfica, que

> Num plano geral, o objeto de estudo [...] é mostrar como as pessoas dão forma às suas experiências, fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência, representam e inscrevem o curso de sua vida nas temporalidades e nos espaços de seu ambiente histórico e social. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.10)

Destacando a pesquisa (auto)biográfica como prática de formação que segundo Josso (2004), a formação é resultado de um processo de auto-hetero-eco formação. Sendo a auto – a reflexão sobre os percursos pessoais e profissionais. A hetero – é estabelecida na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções. E a eco - é a formação através das coisas e da sua compreensão crítica. (JOSSO 2004, p. 16). A partir dessa ideia o presente trabalho está dividido em três capítulos: O início do percurso formativo; Refletindo sobre experiências formativas: o caso dos estágios supervisionados; Saberes construídos e resinificados: a docente que estou sendo; e por fim as considerações finais.

1 O INÍCIO DO PERCURSO FORMATIVO

"Apropriar-se das experiências vividas através da escrita,
transmitindo-as a outros, evocando argumentações e emoções
favorece, portanto, a construção da autoria,
isto é, da autoridade sobre si"
(WARSCHAUER, 2001, p. 191)

Ao resgatar as minhas histórias narradas neste capítulo, passei a compreender melhor que a formação passa por uma reflexão sobre os percursos pessoais e profissionais, como diz Josso (2004, p. 59), um caminhar para si, onde

> O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural.

Com base nessa reflexão, narro inicialmente minha primeira experiência na área da educação. Essa experiência ocorreu em um curso (kumon), o qual funciona como uma espécie de reforço escolar, passei pouco tempo nessa área, um mês pra ser mais precisa, pois não me adequei a metodologia do curso, pois de acordo com esta as educadoras deveriam tratar as crianças com uma imparcialidade motivando a criança a desenvolver o autodidatismo, muitas vezes deixando de explicar o porquê de algumas questões.

Acredito que ser professor significa participar do processo de aprendizagem do aluno, fazendo com que o mesmo alcance os objetivos traçados. Este método, o qual defende a repetição de exercícios como base da apreensão do conteúdo, nada influencia seus alunos a sentirem-se desafiados, a trocarem seus saberes com os outros, não compreendendo o ser como um todo, valorizando apenas o cognitivos, além de impossibilitar as relações sociais desse indivíduo, já que durante a permanência na instituição, sentam-se distantes de seus colegas para evitar qualquer tipo de conversa, desvalorizando a participação do outro na aprendizagem.

Quando o educador dialoga com o educando, ambos estão sendo sujeitos e objetos da ação, ou seja, o conhecimento não é unilateral, ele parte tanto do aluno quanto do professor. O diálogo permite que o homem tenha poder de transformar o meio em que vive a partir das trocas de saberes realizada entre eles. Para Freire (1992, p. 43), "[...] O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o "pronunciam", isto é, o transformam, e transformando-o, humanizam para a humanização de todos."

Pouco tempo depois da experiência relatada acima, comecei a estagiar em uma creche, onde trabalhei nas turmas do Infantil 1 ao 5, por quase dois anos, na época cursava o quarto semestre e desejava encontrar um estágio tanto pela questão financeira quanto para vivenciar aquilo que estudava na universidade. Nesta instituição, tempos depois pude realizar a parte prática do Estágio Supervisionado I, o que possibilitou uma grande contribuição na minha aprendizagem, deixando-me mais segura na sala de aula.

A partir da associação entre teoria e prática juntamente com a orientação da educadora, a qual trazia as questões práticas para refletirmos o assunto, de modo que ao deparar-me com situações que outrora não imaginava as conseqüências da mesma, depois da experiência do estagio, passei a notar a importância de analisarmos o porquê de nossas ações, a fim de melhorar a cada dia a prática docente. Para Pimenta e Lima (2004, p.129) "[...] o estágio se configura, para quem já exerce o magistério, como um espaço de reflexão de suas práticas, a partir das teorias, de formação contínua, de ressignificação de seus saberes docentes e de produção de conhecimentos."

Posteriormente, surgiu uma vaga para professora e a coordenação da escola relatou a participação em sala e perguntou se era do meu interesse assumir o cargo de professora. Atualmente, sou professora do Infantil 3 da mesma instituição, e atribuo este fato também ao estágio I e todo o aprendizado construído a partir deste.

No decorrer do curso, nota-se que as pessoas que já trabalham na área tendem a participar mais das aulas. Na minha turma, muitas pessoas trabalhavam em outras áreas e cursavam Pedagogia somente para conseguir um diploma de nível superior, é interessante notar que as pessoas, na maioria das disciplinas, possuíam domínio do conteúdo inferior àquelas que já possuíam experiência na área.

Quando ingressamos na universidade e começamos a estudar os autores e a perceber seus posicionamentos em determinados assuntos, sentimos a dificuldade de compreender a abordagem do autor, já que não se possui vivências para questionar o assunto. Ao começar estagiar na creche, pude perceber que a prática e a teoria estão intimamente ligadas sendo que como diz Pimenta e Lima (2004, p. 43)

> O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

Outra experiência interessante a ser registrada, foi um estágio como agente inclusivo, onde acompanhei por um ano e meio duas crianças com dificuldades especiais que estudavam em ensino regular nas séries de 3º e 4º ano. Durante esse período, vivenciei um pouco do Ensino Fundamental ao mesmo tempo em que estagiava na Creche, o que permitiu realizar comparações e obter uma visão maior do magistério.

Até o momento convivia apenas com crianças entre 1 e 6 anos, ao iniciar este estágio comecei a conviver com crianças maiores, de 8 a 10 anos, além de acompanhar duas crianças especiais, uma com 10 e outra com 12, realidades distintas que possibilitaram uma maior aprendizagem no que diz respeito ao meu saber fazer.

Nesse período tive contato com professores excelente que visavam formar seres capazes de se desenvolver e de agir de forma correta. Seus métodos de ensinar favoreciam a aprendizagem, acreditavam no desenvolvimento das crianças, proporcionando aulas divertidas, interativas, em que as crianças tinham que construir suas próprias deduções sobre os conteúdos, a partir de experiências, passeios, observações além de valorizarem o trabalho em grupo e o respeito às diferenças.

Toda essa experiência influenciou diretamente em minha formação, o estágio nessa escola possibilitou o convívio na prática de como funciona o construtivismo, uma tendência como características opostas aquela em que vivi como aluna. Durante esse período, sempre me questionava como seria se tivesse estudado em uma escola com esse formato.

1.1 Modelos de docência

Durante minha adolescência fiz alguns cursos sobre educação cristã e aos 15 anos comecei a trabalhar com crianças em minha igreja. Como a maioria das igrejas evangélicas, aos domingos existe um momento de estudo da Bíblia, chamado de "escola dominical", onde a Igreja é divida em grupos que podem variar conforme a denominação. A igreja que fazia parte possuía três grupos, são eles: adultos, jovens e crianças. Este último, era dividido pela idade, chamados de "crianças pequenas" as de 3 a 5 anos e "juniores" as de 6 a 8 anos.

Posso dizer que hoje percebo que essa experiência contribuiu para a minha identidade profissional, como um primeiro modelo de docência, confirmando o que diz Pimenta (1999, p.20) "quando os alunos chegam ao curso de formação inicial, já tem saberes sobre o que é ser professor". Pela descrição abaixo reforça essa ideia de Pimenta.

A princípio, auxiliei uma senhora a qual já trabalhava há muito tempo na área da "educação cristã" na sala dos "juniores", o que possibilitou uma aprendizagem significativa. Lembro-me que nessa época observei que suas aulas eram divididas da seguinte forma:

Versículo do dia

Decorando os livros da Bíblia

Contação de história bíblica

Realização de uma tarefa sobre a história

Ao chegar à sala, cantávamos louvores ao Senhor, em seguida era lido o versículo do dia, momento em que a educadora explicava o que o mesmo queria dizer. Depois, eram penduradas em um varal com pregadores fichas com os nomes dos livros bíblicos em sua ordem, as crianças eram motivadas a decorarem a ordem deles para facilitar a localização de uma passagem bíblica, a cada domingo era acrescentado mais um livro da Bíblia. Após essa atividade eram contadas histórias bíblicas utilizando livros ou cartazes, com uma ótima qualidade nas imagens e em seguida, as crianças faziam uma atividade em uma folha. Com o passar do tempo, comecei a realizar parte

das aulas, às vezes contava uma história, outro dia explicava o versículo, até que começamos a revezar a “regência”.

Nesse período, comecei a notar que a educadora instigava a curiosidade nas crianças com caixa surpresa ou prometendo uma surpresa no fim da aula, sempre fazia perguntas, perguntava as crianças o que achavam da atitude do personagem, no intuito de proporcionar a reflexão, mudava a entonação da voz de acordo com os personagens da história com o objetivo de chamar a atenção, escolhia o ajudante do dia, o que melhorava bastante o comportamento dos alunos, e premiava com adesivos e doces as crianças que tinha participado da aula. Estas ações me fizeram refletir o motivo pelo qual era realizado, o que, no início, me serviu de modelo, somente com o tempo fui desenvolvendo meu próprio jeito de agir.

Além das “escolas dominicais”, nos cultos, aos domingos à noite, as crianças também possuem sua “culto infantil”, onde são divididas de acordo com sua idade, assim como na escola bíblica. Este é organizado pelo ministério infantil da igreja, em forma de escala, variando sempre a pessoa que vai dirigir esse momento. A participação no ministério infantil possibilitou o contato com crianças menores (3 a 5 anos).

Essa experiência, fez com que notasse que a idade influencia bastante no desenvolvimento da atividade, as crianças menores não se concentram da mesma forma, não conseguem ficar sentados e resolvem seus conflitos de forma não verbal, o que a princípio não sabia. Foi quando pedi a ajuda de outra senhora que tinha feito um curso de Educação Cristã e ela me explicou que as crianças menores só conseguiam se concentrar em no máximo 15 minutos e que eu devia mudar a atividade dentro desse tempo, explicou que a contação da história bíblica deveria ser realizada com frases curtas, vocabulário simples e de preferência com recurso de um material concreto, como fantoches, bonecos e que sempre fizesse alguma atividade com movimento, que segundo ela as crianças gostavam muito.

Toda essa experiência, com uma aprendizagem riquíssima, fez com que eu escolhesse com toda a convicção o curso de Pedagogia, aos 16 anos não me imaginava fazendo outra coisa foi quando prestei vestibular e passei na Universidade Estadual do Ceará.

1.2 O curso de pedagogia

Pedagogia foi minha primeira opção, houve momentos em que pensei em mudar o curso, devido à desvalorização da profissão, contudo, sempre me perguntei se deveria mudar o curso, escolher outra profissão, só porque os outros não a consideram tão importante como às outras. Com o tempo, percebi que amo fazer o que faço, e que a maioria dos dias, ir ao trabalho é algo que faço com prazer e diversão. É inexplicável a sensação que sinto ao ver uma criança construindo conhecimento, amadurecendo física e emocionalmente e poder fazer parte desse processo.

Certa vez em um filme, escutei um a frase de um dos atores que diz o seguinte: "na vida a gente tem que fazer aquilo que a gente sabe fazer, o rato come queijo, o gato bebe leite e eu (o autor) sou palhaço". (O PALHAÇO). Ao ouvir esta frase, pude perceber que eu sou professora, é aquilo que gosto de fazer.

1.3 Sentimentos no primeiro contato com o curso

No primeiro contato com o curso, inicialmente senti um estranhamento no que diz respeito ao que estava estudando, pois nunca tinha visto a maioria dos conteúdos e achava que o curso de Pedagogia iria me ensinar a "dar aula", pois ainda não tinha experiência em escola e desejava aprender a forma correta de agir em sala, contudo, as disciplinas vivenciadas nos primeiros semestres, tratavam de estudiosos que escreveram sobre o desenvolvimento da criança e como esta segundo suas teorias reagiam em diferentes idades e contextos, outras abordavam sobre o capitalismo e suas crises. A meu ver o que mais interessava era aprender como fazer, e durante todo o curso, as disciplinas não especificaram como deveria agir, mas apontava caminhos os quais deveria seguir para que a criança alcançasse os objetivos propostos.

Atualmente, percebo o quanto estas disciplinas contribuíram para minha formação, fazendo com que refletisse sobre minhas ações e analisasse o sistema em que vivemos para compreender melhor como funciona a educação brasileira. Todas as disciplinas contribuíram para o processo de formação de identidade.

Uma das coisas que mais chamou minha atenção durante todo o curso, foi a visão diferenciada da maioria dos professores, quanto ao sujeito da aprendizagem.

Enquanto estudante, não tinha a visão de que o professor tem o objetivo de fazer com que o aluno aprenda, pois minha experiência enquanto aluna era que o professor tinha apenas o objetivo de explicar a matéria e cabia ao aluno entende-la da forma como ele explicou. Diante disso, notei quão grande era o desafio de ensinar, sentindo-me incapaz de realizar tal ato. Nessa época, não sabia como me portar em sala, como faria para que a criança aprendesse a matéria e como deveria agir diante dos conflitos. Pois, quando somos educadores temos sempre que interferir nos comportamentos dos alunos, no intuito de formar cidadãos, o que mais me preocupava era o que deveria fazer para não contribuir para a construção de um trauma ou prejuízo para a criança.

"No entanto, ao começar estagiar, observei que aquilo que imaginava ser "o bicho de sete cabeças", na verdade era fruto da minha inexperiência, e aos poucos com ajuda dos textos "Diretrizes nacionais", "Os dez aspectos chaves de uma Educação Infantil de Qualidade", "As crianças e o conhecimento matemático", "Linguagem na Educação Infantil" e "Matemática na Educação Infantil" e da professora com quem trabalhava comecei a perceber em mim um ser professor que ministrar aulas e fazer planejamento começou a fluir de forma tão natural como nunca pensei que fosse acontecer. Sempre que surgia uma dúvida como sobre o que é importante realizar em uma aula, como entender aspectos primordial como possibilitar o desenvolvimento global da criança, não valorizando somente o cognitivo, bem como trazer atividades de acordo com a realidade destes, conhecer o nível do aluno, no intuito de proporcionar exercícios que são desafiadores para as crianças, recorria a orientação da professora de estágio ou aos textos.

Vale ressaltar que a pesquisa em como fazer a atividade não implica em aplicar diretamente a mesma atividade, simplesmente seguindo aulas-modelo. Os textos e a orientação da professora permitem um direcionamento no trabalho, porém é necessária a reflexão dessas práticas, o que era possibilitado a partir dos diários de campo. A junção da teoria e da prática possibilita a reflexão, contudo, existem estágios em que o aluno aprende a aplicar técnicas, reduzindo-se somente ao lado prático, quanto a isso, Pimenta e Lima (2004, p. 37) alertam o risco dessa ação, afirmando que

> [...] A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria sem prática. Tanto é que frequentemente os alunos afirmam que "na minha prática a teoria é outra".

Com as disciplinas de estágio, tudo ficou mais fácil, pois como já tinha experiência com crianças, conseguia ler os textos e ter mais clareza do assunto, além de aperfeiçoar a cada dia agindo da maneira como acreditava ser o certo a fazer segundo os teóricos que a meu ver apontavam caminhos coerentes a seguir no que concerne a educação.

Nesta perspectiva acredito que o educador deve sempre contribuir pra o desenvolvimento do aluno em seus aspectos físicos, emocionais, motores e sociais. Para alcançar isso, o professor deve estar atento a como o aluno aprende, além de manter uma postura dialógica e afetiva com seus alunos, pois através desse vínculo o aluno passa a ter mais confiança no professor e naturalmente alcançará os objetivos propostos. O educador tem que ser observador, notar as mudanças de comportamento e sempre procurar o porquê da atitude da criança antes de reprimi-la.

1.4 Primeiros professores, disciplinas e aprendizagens

As primeiras disciplinas cursadas por mim foram História da Educação, Introdução a educação, Filosofia da educação I, Psicologia do desenvolvimento I, Metodologia do trabalho científico, Introdução a universidade e ao curso.

Dentre os assuntos estudados nesse período, lembro-me de me interessar bastante pela história de como surgiram as escolas e as universidades, na disciplina de História da educação e da forma como e professor ministrava deixava a aula ainda mais prazerosa.

Já na disciplina de Filosofia da Educação I aprendi a refletir, a pensar sobre as ações, onde surgem os primeiros indícios de crítica ao nosso sistema econômico, o tão criticado capitalismo, o famoso “Mito da caverna”. Em Psicologia da aprendizagem I, achei bastante interessante as etapas de desenvolvimento da criança, conforme Piaget, Vygotsky e Wallon. Os três estudiosos que a meu ver se completam, no que diz respeito a compreensão da criança como um ser holístico.

A disciplina de Metodologia do trabalho científico contribuiu para uma aprendizagem técnica, necessária a todos os cursos de graduação, pois nesta, pode-se aprender como realizar um trabalho científico. Considero que por ser uma disciplina técnica que funciona como conhecimento prévio para as outras disciplinas. Já a disciplina de introdução a universidade e ao curso foi um momento de descoberta e conhecimento e integração da turma, onde conversamos sobre a escolha do nome, do curso, possibilitando reflexões fundamentais para nossa formação enquanto professores.

Os assuntos abordados por cada uma delas foram de fundamental importância para minha formação, principalmente no que diz respeito aos professores e sua postura em sala de aula. Durante todo o curso, sempre critiquei e elogiei os meus professores, e sempre me perguntava como eu seria.

No primeiro semestre, tive bons professores, todos eles comprometidos com o curso, pois em suas aulas via-se um planejamento, preparo e objetivo explícito, o que infelizmente não vivenciei em todas as disciplinas ao longo dos nove semestres. O planejamento da aula faz com que o educador visualize como vai ser a aula, programando cada momento, traçando um caminho para que o aluno compreenda melhor o conteúdo. Quando o educando percebe que o professor preparou a aula, o mesmo tende a se concentrar mais nas atividades, pois quando a aula tem o direcionamento, com objetivos claros, os alunos são desafiados a produzir a cumprir o que foi proposto.

As professoras de Introdução e universidade ao curso e Psicologia do desenvolvimento I, eram bastante exigentes, muito organizadas e claras em suas atividades. Nessas duas disciplinas, aprendi conteúdos que ainda recordo o que foi fundamental para as outras disciplinas. Já os professores de História da educação I e Filosofia da educação I eram bastante descontraídos e costumavam ser engraçado, o que fazia com toda a sala participasse de suas aulas, até mesmo os mais tímidos. Estes costumavam realizar atividades em grupo e realizavam dinâmicas que envolviam toda a turma.

A educadora de Introdução a universidade e ao curso, pouco notei sua metodologia de ensino, já que suas aulas ocorreram apenas em uma semana, sendo que dois desses dias foram destinados as pessoas veteranas nos apresentar a universidade

quanto a sua estrutura física e outro dia foi a aula inaugural, ou seja, em sala de aula só tivemos dois dias.

Por fim a educadora de Metodologia do trabalho científico era bastante comprometida com o ensino, e apesar do conteúdo ministrado na disciplina ser um pouco cansativo, suas aulas era sempre divertidas e dialógicas, a maioria dos alunos considerava ser a melhor aula.

A formação nos cursos de licenciatura possibilita que ao mesmo tempo em que nós, alunos desses cursos, aprendamos com os professores sobre as teorias, a partir de seus exemplos, mesmos quando negativos, convivemos com um modelo de professor que possui uma conduta, uma metodologia que podemos ou não segui-la. Desta forma ao mesmo tempo em que aprendo com eles, aprendo sobre eles, porque como reflete Pimenta (1999, p.20) “experiência que lhes possibilita dizer quais foram os bons professores, quais eram bons em conteúdo, mas não em didática”.

2 REFLETINDO SOBRE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS: O CASO DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

> "O diálogo entre a narrativa da prática e textos teóricos é oportunidade de encontro/confronto de pontos de vista".
> (WARSCHAUER, 2001, p.217)

As disciplinas de estágio foram cursadas nos três últimos semestres do curso (7º, 8º e 9º) e como diz Arroyo (2000, p. 129), "nesses tempos não aprendemos apenas a dominar conteúdos, metodologias, didáticas aprendemos um determinado modo de ser professor(a)". Essas disciplinas fazem parte do núcleo obrigatório do curso de Pedagogia.

O curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará tem como objetivo principal a formação de professores que atuem em diversas áreas competentes a eles segundo a legislação brasileira, como Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Gestão Escolar. Sobre o estágio o Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia afirma que

> O estágio nos cursos de graduação constitui um momento de construção de identidade pessoal e profissional, no qual os alunos integram conhecimentos teóricos e práticos. A vivência das problemáticas próprias do ambiente profissional se apresenta com momento de intensa articulação dos saberes aprendidos nos anos anteriores. Nessa integração, surge a oportunidade de adquirir e aprimorar conhecimentos e habilidades essenciais para o trabalho de pedagogo. (PPP, s/d p. 147)

Diz ainda o referido Projeto que

> O estágio desenvolve ainda habilidades inter e intrapessoais, na medida em que promove auto-reflexão sobre a prática pedagógica, relações pessoais entre estagiário-professor da universidade, estagiário-professor da instituição concedente e estagiário-aluno e intelectuais, exigindo do discente um maior amadurecimento intelectual com relação aos conteúdos a serem ministrados. O desenvolvimento das habilidades acima citadas são exigências das sociedades modernas e do mundo do trabalho. (PPP, s/d p. 147)

Assim, o estágio supervisionado funciona como um momento de orientação teórico-prática que envolva ações e reflexão sobre a prática de ensino, o que possibilita

um momento rico para a aprendizagem do aluno, tanto para aquele que já exerce o magistério, como para aquele que ainda não atua na área.

Pimenta e Lima (2004) afirmam que o estágio para o aluno-professor constitui em um momento em que possibilita a reflexão de sua prática, já para aqueles que nunca estiveram em sala, de acordo com as mesmas autoras (2004, p.102) "pode ser um espaço de convergência das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso e, principalmente, se uma contingência de aprendizagem da profissão docente, mediada pelas relações sociais historicamente situadas."

Neste capítulo vou descrever a experiência com os estágios supervisionados, utilizando cinco categorias de análise: Contextualizando o lócus do estágio; Momento de observação; Momento de estudo teórico; Momento de regência; e o que aprendi no estágio. É relevante colocar ainda que a metodologia usada pelos professores no estágio I e II era semelhante, ou seja, primeiro nos encontrávamos na universidade para estudar e depois íamos para a escolar. O estágio III foi diferente, porque estávamos sempre alternando: universidade, escola.

2.1 Estágio supervisionado I

A primeira disciplina foi Estágio supervisionado I, a qual abordava sobre a Educação Infantil. No início da disciplina estudamos sobre como ocorre a maturação cognitiva dessas crianças comparando com o que os estudiosos do desenvolvimento infantil apresentavam, no intuito de compreender como as crianças agem diante das atividades propostas, também lemos textos relacionados a sugestões de atividades a ser realizada na educação infantil.

A parte prática da disciplina foi dividida em dois momentos: a observação e a regência. Essa etapa do estágio foi realizada na própria escola onde estagiava, e o mais interessante é que já no período da observação comecei a notar aspectos que não tinha observado antes.

Por trabalhar no local, conhecia a maioria das professoras e pude observar que estas realizavam atividades de forma automática e que muitas vezes não traçavam caminhos para desenvolver as atividades. Com as reflexões proporcionadas pela disciplina, pude notar que existe a necessidade de se ativar os conhecimentos prévios,

contextualizando a situação para depois realizar as atividades. O que notei nesse período foi a falta de conexão entre os exercícios propostos, algo que procurei realizar em todas as minhas regências.

Durante a preparação das regências, aprendi com a professora da disciplina que o planejamento deve ser o mais detalhado possível, para que se por algum motivo outra pessoa tenha que substituir consiga desenvolver o que tinha sido proposto no planejamento. Ostetto (2000, p. 177), refletindo sobre esse assunto coloca que

> "O planejamento marca a intencionalidade do processo educativo mas não pode ficar só na intenção, ou mehor, só na imaginação, na concepção...Ninguém diria que não é necessário escrever o planejamento. A intencionalidade traduz-se no traçar, programar, documentar a proposta de trabalho do educador. Documentando o processo, o planejamento é instrumento orientador do trabalho docente."

Outra consideração interessante de registrar foi à importância da abordagem do conteúdo utilizando materiais concretos em sala, já que a maturação da criança pequena ainda não permite a abstração, além de tornar a aula mais atrativa para as crianças. Pode-se notar que a educação é um espaço em que as crianças ainda não possuem um tempo longo de concentração nas atividades, e que a maioria das atividades deve durar de acordo com a faixa etária delas. Quanto mais novas, menor o tempo de duração de uma atividade.

2.1.1 Contextualizando o lócus do estágio

A parte prática do Estágio I foi realizada em uma creche de natureza privada localizada no bairro do Passaré na cidade de Fortaleza – CE.

Quanto às instalações físicas, o espaço é organizado em:

Salas de aula:	9		Berçário:	1
Banheiros para adultos:	5		Secretaria:	1
Coordenação:	1		Acompanhamento psicológico:	1
Acompanhamento nutricional:	1		Videoteca:	1
Brinquedoteca:	1		Parquinho:	2
Cozinha:	1		Lactário:	1
Dispensa:	1		Refeitório:	2
Almoxarifado:	1		Dormitório:	2
Salão de uso múltiplo:	1			

A equipe profissional é dividida em um quadro de 15 professoras, cada sala possui de uma a duas estagiárias, variando de acordo com a quantidade prevista na lei, no que se refere a quantidade de alunos por professor. Também conta com o apoio de uma psicóloga, fonoaudióloga e nutricionistas, todas disponíveis a orientação dos pais e responsáveis por encaminhamentos necessários. Além destes cargos, o quadro profissional conta com uma coordenadora pedagógica, duas secretárias, um administrador, 4 cozinheiros e 5 pessoas destinadas aos serviços gerais.

2.1.2 Momento de observação

Ao observar a prática da professora chamou minha atenção não perceber uma rotina das ações pedagógicas, somente a roda de conversa foi presença sempre no inicio das aulas. Machado (1991, p. 66-67), refletindo sobre a importância dessa atividade coloca que a:

> *Roda de Conversa* é o momento em que o grupo se reúne em geral na classe para contar ou mostrar novidades que cada um traz, quem veio, quem faltou, situar-se no tempo e no espaço concretizando a passagem casa/escola. [...] momento muito rico se o professor souber explorá-lo de forma a conduzir a conversa na direção de uma socialização dos conhecimentos individuais, propiciando uma real troca de experiências entre as crianças. É também o momento ideal para combinar regras, atividades do dia, resolver problemas do grupo. [...] É também uma ótima ocasião para o desenvolvimento da linguagem oral, explorando a organização do pensamento, a fluência e a clareza na expressão das ideias ou questionamentos.

É possível perceber esse contexto da roda de conversa por meio dos relatos da observação.

> A professora iniciou à tarde com uma rodinha conversando com as crianças sobre o feriado do dia anterior (1º de maio), perguntando o que eles tinham feito durante esse período. Após esse momento, a educadora propôs que os alunos cantassem algumas músicas, das quais ele sugeriu canções que falavam sobre animais, tema da unidade em estudo.
> Em seguida, a professora trouxe para a rodinha uma caixa surpresa e solicitou que os alunos retirassem da caixa os objetos que as tias da manhã tinham guardado e pedido que os alunos adivinhassem o que tinha dentro da caixa utilizando o tato para descobrir. Dentro da caixa tinha figuras e fantoches de animais; na medida em que os alunos tiravam às figuras dos animais a professora perguntava o que era e pedia para que eles imitassem os animais ou cantassem alguma música que falavam sobre o animal retirado da caixa. As crianças gostaram bastante dessa parte da aula, todas queriam participar. (observação dia 02/05/2012)

> No primeiro momento da tarde, a professora organizou a rodinha e conversou com as crianças sobre o dia das mães. Ela contou que a Branca de Neve (utilizando o fantoche deste personagem) conversou com as professoras que ficam com eles de manhã e descobriu o nome de várias mães, e foi dizendo os nomes destas, esperando que a criança identificasse o nome de sua mamãe. Quando não identificavam, ela perguntava de quem era o nome, ou afirmava que era a mamãe de outra pessoa, assim, imediatamente esta criança dizia *não é a minha mãe.* (observação 7/05/2013)

> A aula iniciou com uma rodinha onde a professora trouxe diversas imagens coladas em papéis 40 kg, onde cada criança escolhia uma ficha e dizia o que era a figura. À medida que as crianças pegavam as fichas, a professora e as crianças cantavam uma música que tinham a ver com a mesma.(observação 9/05/2012)

No primeiro relato achei interessante a organização da professora. Ao abordar o mesmo assunto em atividades diferentes, ativando o conhecimento prévio das crianças, usando a curiosidade como combustível da aprendizagem, já que as crianças estavam todas concentradas em qual animal sairia da caixa surpresa.

Na atividade da roda expressa no segundo relato fica evidente que o lúdico é fundamental na Educação Infantil, acredito que pelo simples fato de trazer um fantoche a educadora visualizou que esse momento ficaria mais interessante para os alunos, pois sem este elemento, dificilmente conseguiria mantê-los concentrados. Rosa (2008, p.72) afirma que

> "Através de atividades lúdicas a criança cria situações imaginárias em que se comporta como se estivesse agindo no mundo dos adultos. Enquanto brinca, seu conhecimento desse mundo se amplia, porque nesta atividade, ela pode fazer de conta que age como adultos agem, imaginando realizar coisas que são necessárias para operar com objetos com os quais os adultos operam, e ela ainda não."

No período da tarde, a turma do Infantil 3 é composta por alunos que estão divididos em duas salas pela manhã, visto que nem todos os alunos que estudam de manhã são do período integral. Após a rodinha, a professora solicitou que as crianças saíssem da sala para olhar os nomes das mães nos corações que estão decorando a sala do lado de fora. Porém, esses corações estão em uma altura em que apenas adultos conseguem ver e com letras pequenas. A professora dividiu as crianças em dois grupos, de acordo com a sala deles da manhã, um ficou com ela e o outro comigo. Depois nós lemos para eles os nomes das mães deles, em seguida perguntamos a primeira letra do nome da mãe deles. Muitos responderam corretamente, outros ainda não identificavam. Depois escrevemos a inicial dos nomes de suas mães na mão de cada criança e dizemos a letra para aqueles que não reconheceram a primeira letra do nome de sua mãe.

Após essa atividade a professora orientou que os alunos entrassem na sala novamente para que escolhessem em revistas um presente que queriam dar a mãe deles. Eles participaram bastante desse momento. Logo depois, eles colaram em uma cartolina os presentes que escolheram e depois a professora me pediu para que eu colocasse o nome das mães abaixo dos presentes de cada criança.

Durante toda a aula, a professora manteve um relacionamento afetivo com as crianças sempre conversando antes com elas antes de realizarem as atividades propostas, o que facilitava a orientação e melhor compreensão com os alunos. A educadora sempre dialogava com as crianças, estabelecendo uma relação afetiva com os alunos. A educadora mostrava ser uma pessoa comprometida, entendia que

> "A prática educativa, pelo contrário, é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade [...] (FREIRE, 1993, P. 47).

Outro aspecto relevante é o momento da brincadeira livre onde pude observar as crianças brincando com os animais e criando histórias entre elas, momento muito rico, em que observei o surgimento e a resolução de conflitos. Alguns os resolviam de forma autônoma e outros nos pediam ajuda, ambos se desenvolviam, deixavam de ser aquilo que eram antes da brincadeira e modificaram seus esquemas mentais a partir da interação com o outro. Como podemos observar pelos relatos:

> Depois as crianças sentaram nas mesas para brincarem de massinha, a professora pediu que os alunos modelassem animais. A educadora perguntava as crianças qual animal elas estavam fazendo e eles respondiam.(observação 02/05/2012)
>
> A professora colocou a fazendinha, animais em miniatura, a disposição dos alunos, os quais poderiam brincar livremente com esse brinquedo. (observação 07/05/2012)
>
> Depois da contação de história voltamos para a sala, este momento foi destinado a brincadeira livre com os brinquedos dispostos na sala acompanhado com músicas. (observação 09/05/2012)

De acordo com as leis regentes, toda criança tem o direito de brincar. Brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança, tanto no aspecto cognitivo quanto no físico, motor, emocional e social. De acordo com Brougère (2001) o brinquedo é um objeto especial, que se difere de todos os outros, pois sobre este estão embutidos valores simbólicos e funcionais ao mesmo tempo, sem que haja a predominância de um sobre o outro.

Esse exercício mental que a criança realiza, fato que acontece mais nas brincadeiras de faz-de-conta, possibilita a compreensão da realidade e desenvolvimento da capacidade de representação, competência fundamental para que futuramente a criança aprenda a ler e escrever. As atividades possuíram o tempo de 15 a 20 minutos, duração adequada para a faixa etária dos alunos.

Achei interessante a atividade da contação de história, a qual a educadora realizou com o simples objetivo de contar uma nova história a seus alunos em que muitos ainda não conheciam, sem que este momento estivesse atrelado a nenhuma outra atividade.

> No geral a tarde foi proveitosa para as crianças, eles estavam tranquilos, se concentraram nas atividades. No entanto, acredito que a professora poderia iniciar a rodinha com uma contação de história da BRANCA DE NEVE, já que iria utilizar o fantoche para introduzir o assunto do dia das mães, talvez a atividade teria sido ainda mais interessante para as crianças.(observação 07/05/2012)
>
> Por último, levamos algumas crianças para o banho enquanto a professora contou a história: O DRAGÃOZINHO. O livro era apropriado para a idade deles, texto curto, imagens grandes e em 3D. (observação 07/05/2012)
>
> Após a rodinha sobre o dia das mães a professora convidou as crianças a irem para a galeria onde foi contada a história ONDE ESTÁ A MAMÃE, utilizando um fantoche do patinho. Estavam presentes nesse momento os Infantis 1, 2 e 3. Embora a faixa etária fosse diferente nesse, todos se concentraram na história. Acredito que por conta do fantoche e de estarem

> habituados com essas atividades coletivas entre as salas.(observação 09/05/2012)

Também acho que se os corações estivessem acessíveis as crianças a atividade teria mais sentido para elas, pois além das crianças que sabiam qual era a letra que começava o nome da sua mãe, aqueles alunos que não identificaram poderiam conhecer a letra ao ver o nome comparando-o um nome de outra criança ou palavras que foram trabalhadas com eles ao longo do ano, como nomes de animais e objetos.

Em relação a tarefa de casa, *a professora pedia que as crianças mostrassem o caminho dos caracóis para que eles chegassem em casa, desenhando o caminho que deveriam percorrer com a ponta do dedo indicador*. Acredito que deveria ser proposta de outra forma para as crianças. Por exemplo, a atividade de casa poderia ter sido introduzida com uma contação de história sobre o caracol, em seguida as crianças poderiam simular o percurso de um animal qualquer como a atividade de casa propunha, no concreto, acredito que a atividade seria mais interessante para eles, pois fariam com que se movimentassem, além de trabalhar outros aspectos, além da coordenação viso-motora e noção espacial no papel, teriam a sala de aula inteira para se deslocarem e criarem uma situação para resolver de forma mais clara para as crianças. Durante o exercício, algumas crianças não conseguiram entender bem o que estava sendo pedido. Talvez se o percurso fosse trabalhado de forma real, a maioria das delas conseguiriam realizar essa tarefa com facilidade, demonstrando um maior interesse.

Observei ainda:

Toda segunda eles trazem brinquedos de casa, a professora guarda esses brinquedos em um cubo e faz uma espécie de caixa surpresa só que com os próprios brinquedos deles. Nessa hora a professora teve que dar um remédio para uma criança e entregar outra para o pai que havia chegado e teve que se ausentar por um tempo. Eu já conhecia como a professora realizava esse momento e para que as crianças não se dispersassem conduzir essa atividade. Eles participaram e conheceram os brinquedos uns dos outros, pois quando tiramos os brinquedos, o mesmo deve passar pelas mãos de todos os colegas até chegar ao dono.

Nas quartas-feiras o tempo é reduzido, pois as crianças não tem nenhum tempo extra, por conta disso acordam mais tarde e lancham mais tarde, chegam na sala na sala por volta de 15h00min e começam o banho as 15h45min, pois as 16h30min tem que jantar, além da animação cultural, momento em que as salas fazem atividades juntas, como peças teatrais, contação de história, brincadeiras, exercícios de psicomotricidade global (circuitos) entra outras estar inserida dentro desses 45 minutos.

As atividades extras não são obrigatórias, mas muitos pais adotam. No caso do Infantil 3 muitos fazem Ballet e Karatê as terças e quintas, nesses dias ficam mais crianças que não são do período integral por conta das atividades extras. Segunda e sexta tem aula de inglês, mas apenas três crianças participam da aula.

	Segunda	terça	quarta	quinta	sexta
Hora que acordam	14h00min	14h00min	14h30min	14h00min	14h00min
Lanche	14h00min as 14h30min	14h00min as 14h30min	14h30min as 15h00min	14h00min as 14h30min	14h00min as 14h30min
Atividades extras	Inglês 14h30min as 15h00min	Ballet Karatê 14h00min as 14h30min		Ballet Karatê 14h00min as 14h30min	Inglês 14h30min as 15h00min
Jantar	16h30min	16h30min	16h30min	16h30min	16h30min

OBS. : os momentos de estudos teóricos e os momentos de regência dessa modalidade de estágio, não foi possível resgatar.

2.1.3 O que aprendi com e no estágio I

- ✓ **A ser mais segura em sala de aula;**

A experiência de observar como um professor atua em sala possibilitou uma maturidade que ainda não possuía, pois, com a experiência passei a ter um outro olhar das ações desenvolvidas pelos colegas de trabalho, atitude que perdura até hoje.

Percebe-se que muitos educadores que já estão trabalhando na área a um tempo tendem a se acomodar e achar que sua prática é suficiente para ensinar. Contudo, de acordo com Lima e Pimenta (2004), não é possível separar a teoria da prática. Quando achamos que nossa prática está acima da teoria, caímos no erro de agir automaticamente, porém, existem crianças que não podem ser reféns de nossa vontade de agir corretamente com eles ou não. Por isso, a teoria e a prática quando juntas, trazem uma maior reflexão sobre as atitudes do educador.

- ✓ **Valorizar a brincadeira como atividade importante para o desenvolvimento da criança;**

Com a observação nas escolas, pude observar que a brincadeira não é algo que a criança gosta de fazer, é algo que ela tem a necessidade de realizar para se desenvolver. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, brincar é uma atividade tão importante quanto fazer tarefas, a partir da brincadeira a criança realiza suas vontades, desejos que no momento ainda não podem realizar, possibilitando que esta projete seu desejo no brinquedo, representando um papel. Esse exercício que muitos educadores desprezam são fundamentais para o desenvolvimento da leitura e escrita, pois a escrita é forma de nos comunicarmos, assim, para conseguirmos ler, temos que entender que aquele determinado encontro de letras determinam um som, pois possuímos a capacidade de representar desenvolvida ao longo dos anos de nossa infância, pois, é neste período que iniciamos nossa vida de leitor.

- ✓ **Entender a criança como um ser holístico (físico, motor, cognitivo e social).**

Com o estágio, também pude comprovar o que Wallon defendeu em sua teoria da pessoa completa, pode-se observar que as crianças precisam se desenvolver por completo, ou seja, seus aspectos físicos, motores, cognitivos e sociais para que sejam seres plenos, conscientes de seu papel na sociedade. Nota-se que quando uma criança é tímida demais, esse aspecto emocional influencia diretamente em sua aprendizagem

(aspecto cognitivo), pois, por ter vergonha e não se sentir capaz, quando se sente desafiada tem vergonha de arriscar, ultrapassar obstáculos (aspecto motor) ou se relacionar com seus colegas (aspecto social). Com isso, observa-se que essa simples timidez influencia no desenvolvimento como todo, e que se o educador tem essa consciência de que a criança é formada por esses aspectos e que um está diretamente ligado ao outro, procurará desenvolver a autonomia, confiança e encorajar essa criança, contribuirá para o melhor desenvolvimento holístico deste indivíduo.

> A pessoa está continuamente em processo. Falar em processo significa afirmar que há um movimento contínuo de mudanças, de transformações desde o início da vida até seu término. E os resultados dessas mudanças podem ser observados externamente. (MAHONEY, ALMEIDA (org.), 2009, p. 16).

2.2 Estágio supervisionado II

Na disciplina de estágio II, que abordava os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), a educadora era bastante organizada e demonstrava amor pela profissão. Suas aulas eram dialógicas e divertidas, trocávamos experiências e sempre a educadoras as relacionava ao texto em estudo, o que facilitava uma melhor compreensão do conteúdo. Para tudo que se fosse fazer a professora tinha um planejamento por trás e sempre explicava quantas vezes fosse possível para que todos compreendessem.

A parte prática também foi sistematizada em: observação e regência. Algo diferente que foi orientado pela professora a fazer nas observações, foi que ao invés de observarmos a educadora, olhássemos em especial para os alunos, no intuito de conhecer a turma de maneira completa e individual, pois sabemos que cada criança tem uma maneira peculiar de aprender, e cabe aos professores desenvolver suas explicações de maneira que todos entendam. O ato de olhar para o aluno como um ser capaz de produzir conhecimento muda a "visão de simplesmente dar aula", entendendo o aluno como sujeito da aprendizagem, com a consciência que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção oua sua construção" (FREIRE, 1998, p.52)

Cabe ao educador desenvolver atividades que desafiem os alunos, ajudando-os a avançar, progredindo em seu conhecimento, sabendo que somos seres dependentes uns dos outros para evoluirmos em nossas aprendizagens, aprendemos uns com os outros.

Como afirma Freire (1981, p.79) ao dizer que “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo."

Esta disciplina proporcionou realizarmos anotações sobre como foi a aula, através da construção de relatórios, além de possibilitar a realização de um projeto a partir do interesse das crianças, construído com as crianças, o que foi uma experiência ímpar. Ao escrever os diários reflexivos, bem como os relatórios das regências, sempre notava algo que no momento havia passado despercebido por mim, além de permitir a reflexão em quais atividades consegui alcançar os objetivos propostos e quais exercícios precisavam ser alterados. O ato de pensar sobre, fez com que amadurecesse profissionalmente falando, porque “registrar a própria prática pode ser um rico instrumento de trabalho para o professor [...], porque o retrato do vivido proporciona condições especiais para o ato de refletir” (WARSCHAUER, 1993, p. 61). Ainda sobre o registro da prática docente Ostetto (2008, p. 13-14), afirma que

> Por meio do registro, travamos um diálogo com nossa prática, entremeando perguntas, percebendo idas e vindas, buscando respostas que vão sendo elaboradas no encadeamento da escrita, na medida em que o vivido vai se tornando explícito, traduzindo e, portanto, passível de reflexão.

De tudo o que foi aprendido nesta disciplina, pode-se ressaltar o planejamento minucioso, a construção de um projeto a partir do interesse dos alunos, o exercício de olhar para as crianças individualmente e a valorização do trabalho em grupo.

2.2.1 Contextualizando o lócus do estágio: escola e sala de aula

A **escola** lócus do estágio II fica situada no município de Fortaleza, no bairro Dendê. Possui 17 salas de aula, um laboratório, que não está funcionando, por conta da falta de professor, uma quadra esportiva, uma biblioteca, 8 banheiros, um pátio, um parque dividido com a Creche, uma secretaria, uma sala de direção, outra de professores, uma cozinha, um refeitório, duas dispensas, uma para armazenamento de frios (carne, leite e etc.) e outra para os outros alimentos, a escola não possui sala de vídeo e a sala que antes era uma brinquedoteca virou sala de aula.

No que se refere à acessibilidade, a escola possui rampas de acesso ao pátio e a algumas salas, contudo, o banheiro não é adaptado para cadeirante e as salas do 1º andar e algumas do térreo só possuem acesso por meio de escadas.

Quando questionados sobre o que mudariam nas instalações físicas da escola, caso tivessem verbas extras o secretário disse que aumentaria a secretaria e colocaria ar condicionado em todas as salas; a coordenadora do Infantil disse que construiria a brinquedoteca, novas mesas de ping-pong e spirimbol no intuito de deixa o recreio menos conturbado; e a coordenadora do Fundamental colocou que faria uma sala destinada ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) e construiria um auditório.

A escola possui muitos recursos, são eles: 2 data show, televisão, rádios, DVDS, jogos diversos, livros e quadrinhos; em todas as salas do 1º e 2º ano possuem DVD, TV e caixa de som. Segundo as coordenadoras esses materiais são utilizados com frequência pelos professores.

Quanto à estrutura organizacional são 17 funcionários e 46 professores. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, cada sala possui em média 25 alunos, e os professores não possuem auxiliares, ou seja, são 25 alunos para 1 professor. Apenas dois professores são licenciados em Educação Física.

A equipe de funcionários é composta por uma diretora, um secretário, 3 coordenadoras (núcleo gestor), 4 vigilantes, 2 porteiros, 4 cozinheiras e 5 dos serviços gerais.

Quanto à estrutura relacional, todos os entrevistados afirmaram que a escola possui uma relação muito boa com a comunidade, onde a maioria dos pais participa das reuniões e eventos da escola. Duas das coordenadoras da escola afirmaram que não existe nenhum trabalho voluntário, contudo, a aproximadamente 10 anos, existe um projeto de capoeira realizado aos sábados onde participam muitos alunos da instituição. Os funcionários sempre se organizam para realizarem confraternizações entre eles, como almoços e comemorações de datas festivas. Foi perguntado aos entrevistados qual a reação da escola diante de alunos portando armas ou drogas, todos afirmaram a inexistência do fato.

A **sala de aula** possui pintura de qualidade, as cadeiras estão organizadas em filas e são antigas, mas estão conservadas. Possui decoração básica, como calendário, aniversário, combinados, e não possui nenhum trabalho exposto. A sala não é acessível a pessoas que fazem o uso da cadeira de rodas, pois seu acesso se faz por intermédio de escada e não rampa. Possui boa iluminação, mas é muito quente, mesmo com os três

ventiladores e um ar condicionado, desfavorecendo a aprendizagem. No geral, a sala está sempre organizada, com exceção da lixeira.

As crianças tem que solicitar a permissão da professora para entrar e sair da sala. O fluxo intenso de pessoas ocorre mais no início da aula, em que algumas crianças chegam após o horário estabelecido. A conversa é movida pela distração e não pela aprendizagem.

As crianças usam a lixeira, no entanto, muitas delas apontam o lápis e deixam todo o entorno desse espaço sujo de ponta de lápis. No momento não existe nenhum projeto envolvendo coleta seletiva ou reutilização desse material.

Os alunos vêm uniformizados e arrumados para a escola, a maioria possui cuidado com livros e cadernos, porém, muitas crianças não têm cuidado com o lápis e sempre pedem emprestado a professora.

Existe muita conversa em paralelo sobre futebol, bila, brincadeiras, fatos ocorridos na escola, tudo menos sobre o que está sendo ministrado pela professora. Após a atividade a professora deixa que as crianças conversem, porém, quando estas fazem muito barulho, a educadora chama a atenção dizendo que ainda tem colegas que não terminaram a atividade.

No geral, os alunos se tratam bem e tratam a professora muito bem, algumas vezes falam de forma grosseira uns com os outros; sempre que isso ocorre a professora intervém lembrando que devemos agir de maneira educada com o outro, respeitando para ser respeitado.

A turma se comporta bem, mas algumas crianças são mais trabalhosas que outras o que é natural em qualquer sala de aula. No recreio, as crianças passam a maioria do tempo correndo ou jogando bila, segundo a professora, as crianças sempre voltam para sala relatando algum conflito que ocorreu no intervalo. Na ausência da professora as crianças conversam mais do que em sua presença.

É considerado indisciplina ficar em pé atrapalhando que o outro copie, bater, xingar, conversar na hora da atividade. A professora sempre lembra as crianças dos combinados, em nenhum momento alterou a voz para resolver a situação, usou a Educação Física para conseguir que as crianças fizessem silencio e ameaçou passar

alguns dos minutos do recreio em sala para terminar a tarefa que não foi concluída. Nesse dia nenhuma criança foi encaminhada à coordenação.

A professora possui segurança em apresentar o conteúdo, mesmo assim algumas crianças não se concentram na hora da explicação, outras apresentam muita facilidade em apreender o conteúdo. A educadora se relaciona muito bem com a turma, parece segura ao apresentar o conteúdo, sempre resolve os conflitos conversando, nunca exaltando a voz ou gritando. A professora acredita que a avaliação deve sempre ser feita de forma processual e contínua. A criança tem três notas: bimestral, parcial e qualitativa.

2.2.2 Momento de observação

Nesse momento algumas questões me chamaram atenção. Primeiramente a **presença da P2**[1] na escola, que merece reflexão sobre a prática, mas não é foco desse trabalho.

> O dia observado foi bastante atípico, pois neste dia a P2 foi para sala para que a professora regente fosse planejar junto com a outra professora do 3º ano. A educadora foi bastante exigente no que diz respeito a organização das cadeiras e intolerante a conversa na durante a atividade.
> A educadora considera a ventilação da sala um fator desfavorável a aprendizagem e diz que essa turma é avaliada pela escola como uma sala difícil, com muitas crianças especiais. A sala possui 29 alunos, nesse dia vieram 23, possui uma criança com diagnóstico de autismo e pelo menos outras três com dificuldades mais específicas.

O segundo aspecto diz respeito **ao atendimento/acompanhamento aos alunos com necessidades especiais** que por não possuir nenhum auxiliar de sala, a professora tem dificuldade em realizar atividades diferenciadas com o aluno especial e dar uma maior assistência aos outros que tem mais dificuldades. Como fica evidente no relato:

> No dia observado, não foi preparada nenhuma atividade para essa criança, o que atrapalhou bastante a turma, pois esta não queria realizar a atividade, pois ficava brincando, levantando-se, após o intervalo, simplesmente saiu de sala, sem pedir autorização da professora. As crianças rotulam esse aluno como especial e dizem que ele não sabe fazer a tarefa. A educadora tentou conscientizar a turma dizendo que todos nós somos especiais, contudo, a maioria discordou.

[1] Pedagoga que substitui a professora efetiva no dia do planejamento

Nessa primeira observação me aproximei de algumas crianças, aproveitei para conhecer a turma, alguns se comunicaram mais comigo, outras ficaram mais tímidas. Pude notar que as meninas são organizadas e participam mais da aula que os meninos.

Nesse dia, após o recreio, a educadora notou que a sala estava ainda mais quente e resolveu continuar a explicação em baixo de uma mangueira. A ideia foi interessante, mas uma palestra que estava acontecendo ao mesmo tempo na creche dificultou a audição do conteúdo, fazendo com que alguns alunos ficassem dispersos. Uma criança chutou a outra e foi encaminhada a direção para conversar com a diretora permanecendo lá o restante da aula.

Até aqui, notei que a turma esta desmotivada, a sala dificulta bastante o processo, as crianças ficam mais agitadas por causa do calor. As crianças com dificuldades possuem reforço escolar sempre no primeiro horário do dia e quando voltam parecem está fora do que está acontecendo na sala, o que acaba sendo mais um desafio para a educadora.

O terceiro aspecto diz respeito à questão da didática, compreendendo essa área de estudo da pedagogia como "teoria e prática do ensino, conjugando fins e meios; propósitos e ações; objetivos, conteúdo e forma" (FARIAS [et al.] 2008, 21-22). Pela narrativa da observação podemos perceber que a professora tenta trabalhar usando o concreto ao solicitar as tampinhas as crianças, mas não percebi um planejamento adequado para esse conteúdo. Mesmo assim as crianças se sentem motivadas a participarem tanto da correção da tarefa de casa quanto na resolução dos exercícios.

> No segundo dia de observação foi ministrado o conteúdo adição sem reagrupamento, na disciplina de Matemática. A educadora iniciou a aula copiando a agenda, logo depois corrigiu a tarefa de casa, sempre solicitando que os alunos respondessem, alguns deles chegaram a responder no quadro.
>
> Após a correção da atividade, a professora perguntou quem tinha trazido tampinhas de garrafa, (muitas crianças trouxeram) depois, a mesma distribuiu 10 tampinhas para cada criança, as quais deveriam ser usadas para auxiliar na resolução das contas de adição (sem reagrupamento). Durante a atividade e correção da mesma, as crianças demonstraram interesse em resolver os exercícios.
>
> Nesse momento a educadora pediu que eu auxiliasse uma criança que estava com dificuldade para resolver os exercícios. Esta demonstra ter dificuldade em se concentrar, resolvendo a atividade em um maior tempo que os outros.

> Após a resolução das continhas de adição, a educadora copiou a atividade de casa na lousa para que as crianças copiassem; nota-se que em geral, a sala demora a copiar, alguns ainda não compreendem a letra cursiva, por isso a educadora escreve na letra bastão para que todos copiem, outras crianças escrevem com a letra cursiva, porém ainda tem dúvida em como fazer algumas letras (como o F) e por conta disso demoram a copiar.
>
> Após o intervalo, as crianças terminaram de copiar a tarefa de casa e depois eu realizei uma atividade com as crianças. Pedi que elas colocassem em uma folha nome e idade, e em seguida que escrevessem e desenhassem o que mais gostavam de fazer. Essa atividade foi realizada no intuito de sondar as brincadeiras que as crianças mais gostam, fazer o levantamento das idades dos alunos e observar a escrita destes.

No último tempo foi ministrada a aula de Educação Física, nota-se que as crianças gostam muito desse tempo, mesmo com a quadra por completo no sol, nenhum deles reclamou ou deixou de participar com empenho da aula. Atribuo essa mobilização ao fato de ser algo lúdico que mexe com o corpo.

2.2.3 Momento de estudo teórico

Muitas pessoas consideram que os estágios supervisionados constituem apenas em uma parte prática, em que se utilizam todos os conhecimentos que foram articulados durante o curso, contudo, nota-se que esta parte de estudar sobre autores no estágio supervisionado, proporcionam a reflexão dos textos e da prática docente, o que permite uma ressignificação da identidade do indivíduo. Como fica claro pelos estudos realizados e descritos a seguir.

“Paradigma da complexidade” de Marilda Behrens

Inicialmente a autora cita significados da palavra projeto em diversas línguas, e diante disso, a mesma conclui que projeto é projetar, almejar e ao mesmo tempo é o instrumento pelo qual se alcance o que foi planejado.

A autora ressalta a importância de entender a educação com uma visão complexa, holística, emergente e global. O texto aborda que muitos educadores não utilizam o termo global por se tratar de uma palavra ligada a teoria do *neoliberalismo,* contudo, a autora acredita que é necessário compreender a educação como algo global,

complexo, para que se possa superar a ideia de fragmentação, a qual predominou na história da educação.

Para autora, a pedagogia de projetos é um caminho para que se supere o método cartesiano, o qual é pautado em currículo disciplinar e fragmentado, fazendo com que o individuo utilize o que aprende em sala para solucionar possíveis situações-problemas, ocorridas em seu cotidiano, superando a visão de que se estuda apenas para decorar, tirar boas notas e assim passar de ano.

A *pedagogia de projetos* consiste em abordar o conteúdo exigido em cada nível de ensino de maneira contextualizada e que haja participação dos alunos. A autora coloca a necessidade do educador possibilitar um processo de aprendizagem que tenha sentido para os alunos, no intuito de promover uma aula dialógica, crítica e reflexiva.

De acordo com o texto, o paradigma da complexidade não é desenvolvido a partir de uma sequência linear, para Behrens a aprendizagem está relacionada a apresentação do projeto, problematização, contextualização, aulas teóricas exploratórias, pesquisa individual, produção individual, discussão coletiva crítica e reflexiva, produção coletiva, inserção na prática social e avaliação do projeto.

Behrens sugere que para se colocar um projeto em prática é essencial um plano de ação que deve ser desenvolvido em 8 etapas, são elas:

1. Ponto de partida
2. Formulação dos subtemas
3. Planificação dos processos de pesquisa
4. Realização da recolha de dados
5. Avaliação intermediária
6. Organização da informação
7. Elaboração das formas de apresentação e divulgação
8. Avaliação final do projeto

Por fim, conclui-se que a Pedagogia de Projetos é uma forma de torna o conteúdo mais atrativo para os alunos, pois este modelo de ensino tem como objetivo possibilitar uma aprendizagem interdisciplinar a qual esteja relacionada a realidade do aluno. O projeto proporciona um maior aprofundamento do conteúdo, permitindo que o aluno sinta o projeto, tornando a aprendizagem mais atrativa, uma vez que o projeto pode surgir de uma necessidade específica dos alunos, ou de seu interesse. Com o projeto, podemos trabalhar questões cognitivas, sociais, psicomotoras, religiosas, abordamos assuntos em que permitem uma maior compreensão da sociedade e suas relações.

"Empreendedorismo e Sustentabilidade" por Celso Antunes

O texto "Empreendedorismo e sustentabilidade", escrito por Celso Antunes está dividido em duas partes. A primeira parte aborda sobre empreendedorismo e sustentabilidade e a segunda diz respeito a sugestões para praticar tanto um como o outro.

Para o autor, empreendedorismo significa "resolver-se praticar", em outras palavras, empreender é executar, colocar em prática aquilo que se planeja. O autor faz um breve comentário sobre as formas de se viver no passado, que segundo ele faziam com que as pessoas fossem naturalmente empreendedoras. Antigamente as pessoas possuíam profissões em que elas planejavam e agiam. Observa-se que atualmente os jovens estão acomodados, de acordo com o texto "congelados", acostumados aos serviços disponíveis, deixando de lado a possibilidade de empreender.

Outra ideia abordada no texto é a sustentabilidade, assunto de suma importância a ser trabalhado na escola. O autor define sustentabilidade como o fato de usufruirmos dos recursos naturais evitando o desperdício e repondo aquilo que utilizamos, para que futuramente outras gerações possam utilizá-los.

Para o autor os termos sustentabilidade e empreendedorismo estão intimamente ligados, pois as ações que norteiam a sustentabilidade são altamente empreendedoras. De acordo com o texto é mais difícil separar esses conceitos do que associá-los.

O autor aponta algumas características de alunos empreendedores, como: conhecimento de si, autoestima elevada, construção de projeto de vida, criatividade, consciência coletiva, bom ouvinte, competitividade associada a ética, ocupam um lugar

no espaço global e encaram a sustentabilidade como uma forma de cuidar da natureza, e não como um modismo.

Em seguida o autor apresenta algumas falácias (mentiras que parecem verdade) relacionadas aos alunos e ao empreendedorismo. São elas: as pessoas nascem empreendedoras, alunos empreendedores gostam de se arriscar, alunos empreendedores não gostam de trabalhar em grupo, todo empreendedor é um gênio e que alunos empreendedores são estressados.

A verdade é que a capacidade de empreender pode, e deve, ser desenvolvida; todos podem se tornar alunos empreendedores, cada um a sua maneira.

O autor aponta a necessidade das aulas possibilitarem aos alunos pensar a respeito do que estão estudando, cabe aos professores desenvolverem aulas que facilitem o conteúdo e instiguem os alunos a resolverem situações problemas em seu cotidiano.

Todo trabalho desenvolvido na escola deve ter o objetivo de mobilizar tanto seus alunos como seu ambiente familiar. Por exemplo, se fizermos um bom projeto com tema de *sustentabilidade* podemos educar tanto aos alunos como aos pais, podemos possibilitar que aquelas pessoas que não possuíam nenhum conhecimento sobre este assunto e que não sabiam o que fazer para cuidar melhor do nosso planeta, passem a contribuir de forma significativa, reutilizando materiais, usando a água de forma consciente, jogando o lixo no local apropriado, entre outras.

Por fim, devemos compreender o papel da escola enquanto instituição capaz de formar cidadãos educados e conscientes dos cuidados que devemos ter com o meio ambiente, desenvolvendo em cada criança a capacidade de empreender.

Professor reflexivo

A partir da aula de hoje pude relembrar alguns conceitos e assuntos os quais confesso que não estava pondo em prática enquanto professora.

Um desses conceitos foi a concepção apresentada pelo autor de PROFESSOR REFLEXIVO, pois muitas vezes a rotina não nos permite parar para pensar no que estamos fazendo, contudo é essencial que o educador reflita sobre suas ações durante e

após as mesmas, construindo conhecimento, analisando situações, e não repetindo técnicas prontas descontextualizadas.

Outra ideia interessante que o autor coloca é a junção da teoria e da prática. Segundo ele é impossível separar a teoria da prática, já que nossas ações são influenciadas por aquilo que somos , acreditamos e vivemos, mesmo que inconscientemente.

“O estágio e a construção da identidade do professor”

Inicialmente a professora juntamente com a turma refletiu sobre o texto “Paixão de conhecer o mundo”, escrito por Madalena Freire. Uma das frases que mais chamou minha atenção foi a seguinte: “Medo e coragem em assumir a educação desse drama cujos personagens são nossos desejos de vida e morte”.

Na aula de hoje discutimos sobre a formação da identidade da pessoa e do professor, a qual no decorrer de nossas vidas se constrói, desconstroem, recriam e aperfeiçoam-se conceitos. Estamos em constante mudança, todos os dias, de acordo com Madalena freire, algo em nós morre para que outros conceitos, ideias e pensamentos passam a viver. Estamos constantemente reconstruindo nossa identidade.

Nossa formação também está relacionada a nossa cultura. Cada grupo é formado por pessoas onde são empregados valores que são influenciados por nossos costumes.

Observa-se que nossa sociedade ainda desvaloriza a profissão de professor, acreditando que outras profissões, como a de médico, advogado, jogador de futebol merecem um status maior, adotando o critério “dinheiro” para valorizar mais estas do que aquela.

“Amor e conhecimento”, escrito por Para Celso.

A professora iniciou a aula com a leitura do texto “Amor e conhecimento”, escrito por Paracelso. O texto nos fez refletir sobre o ato de ensinar com amor, o autor defende que o fato de se amar o que se faz nos permite compreender, observar e enxergar melhor nossos alunos, sabendo que cada um aprende a sua maneira e ao seu tempo, e a nós, professores, nos resta descobrir a melhor forma de explicar os conteúdos aos alunos.

“A escola e a construção do conhecimento”, por Mário Sérgio Cortella.

Um dos aspectos discutidos em sala foi a importância do erro para a aprendizagem do aluno, o texto relata que o erro faz parte da construção do saber, e que o educador deve saber usá-lo e entende-lo como parte fundamental da aprendizagem. De acordo com Cortella “errar é, sem dúvida, decorrência da busca e, pelo óbvio, só quem não busca não erra”.

Outro aspecto importante apresentado por Cortella é o conceito de pré-ocupação. De acordo com o autor, o conhecimento não é um ato de iluminação divina, como muitos de nós em algum momento de nossas vidas já pensamos, e sim algo que é construído. O autor cita o exemplo de Newton, o qual não formulou a teoria da Gravitação Universal dos Corpos ao observar uma maçã cair de uma árvore, recebendo uma iluminação divina, característica de um cientista, e sim porque já possuía pré-ocupação, conhecimentos prévios sobre o assunto.

Diante disso, é necessário que nós, educadores aproximemos cada vez mais os conteúdos da realidade de nossos alunos, mostrando que as teorias podem ser melhoradas, alteradas ou até mesmo desqualificadas por novas teorias e que eles podem sujeitos dessa ação, passando a ideia de que o conhecimento, mas depende de dedicação, estudos, pré-ocupação para elaborá-las, mostrando a importância de buscar aprender e usar o erro como parte fundamental da construção do conhecimento.

“Professores e pianistas”, escrito por Cláudio de M. Castro

Inicialmente lemos e discutimos o texto “Professores e pianistas”, escrito por Cláudio de M. Castro. Em seguida a turma foi dividida em quatro equipes e foi dado o comando de elaborar questões referente a cada tópico do texto “ A aula”, por Celso Antunes, encaminhado na aula anterior.Após a elaboração das questões foi aberta a discussão para toda a sal, onde juntos deveríamos responder as questões trazidas por nossos colegas.

Dentre os assuntos abordados, foi ressaltada pela turma a importância da aula em que o aluno participa ativamente do processo. Outro fator apresentado foram as características de uma boa aula, concluímos que esta ocorre quando há aprendizagem.

De tudo o que foi discutido, o que considero mais válido foi a importância da apropriação do conteúdo por parte do professor para que este leve o aluno a compreender o assunto proposto.

“Imagine professor...”, adaptado por Roseli Caldart

Inicialmente foi feita a leitura do texto “Imagine professor...”, adaptado por Roseli Caldart. O texto nos instigava a imaginar, como o próprio nome já diz, como seria a escola em que os alunos gostassem de aprender e se divertiam ao realizar exercícios, onde o professor estivesse preocupado em educar e que toda a comunidade escolar estivesse disposta a participar sem ressentimentos. Por fim a autora nos motiva a ser esse professor, fazendo a diferença na vida de seus alunos.

“A aula”, por Celso Antunes

Posteriormente, continuamos a discutir a segunda parte do texto “A aula”, por Celso Antunes, onde cada dupla apresentou uma (ou duas) atividade proposta pelo autor, foram elas “A (boa) aula expositiva”, “Aula com situação-problema”, “O cochicho”, “O arquipélago” e “O painel integrado”.

Em seguida debatemos sobre a indisciplina em sala de aula que de acordo com o texto “a disciplina necessária”, por Celso Antunes; muitos educadores consideram que a indisciplina consiste em conversa em sala de aula, contudo o autor coloca que nós, professores devemos propor aos alunos que estes discutam sobre o assunto da aula, fazendo com que os educandos se envolvam na aula deixando de lado a conversa paralela que nada tem a ver com a temática proposta.

Por fim foram feitos os encaminhamentos para a aula seguinte e proposta a leitura do texto “A disciplina necessária”, já que a maioria da sala não havia lido o texto.

“Perceber-se interdisciplinar”, escrito pro Mª Elisa Ferreira.

Inicialmente fizemos a leitura do texto “Perceber-se interdisciplinar”, escrito pro Mª Elisa Ferreira. O texto abordava sobre a importância de compreendermos o mundo vendo a sua totalidade sem esquecer-se da individualidade de cada pessoa. Comparando com nossa realidade, enquanto educadores é necessário que nós saibamos enxergar nossa sala como um todo, dando atenção a cada um.

“Disciplina Necessária”, por Celso Antunes

Em seguida discutimos o texto “Disciplina Necessária”, por Celso Antunes. O autor apresenta que muitos professores consideram a conversa paralela como indisciplina, nos alertando que sempre podemos utilizar a conversa dirigida como uma forma de combater a conversa paralela, usando este elemento como uma forma de promover a aprendizagem.

Outro assunto abordado no texto foi o *bullying,* fenômeno recorrente nas escolas, segundo o autor, um em cada três estudantes já sofreram ou praticaram *bullying* em sua vida escolar. A escola não pode tratar desse assunto como um caso policial, e sim abordar o assunto com os alunos, sensibilizando-os, fazendo com compreendam a dor de quem sofre *bullying,* evitando que essas pessoas se tornem indivíduos com traumas sociais, tornando-se causador de tragédias, como foram os casos de *massacres em escolas,* inclusive aqui no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro.

A segunda parte do texto relata alguns casos em tomaram algumas atitudes que a turma deveria analisar cada caso, concordando ou discordar com a postura desses educadores. O caso que mais chamou minha atenção foi *A cara amarrada Caio,* em que o professor conseguiu sensibilizarem os alunos, fazendo com que estes refletissem sobre a maneira de tratar um determinada professora, sem ser autoritário.

2.2.4 Momento de regência

Se fosse possível dissociar a teoria da prática, o momento das regências é a parte prática, contudo, não se pode assim denominar por conta de seu caráter teórico, abordado nas entrelinhas do planejamento. A técnica se encontra explícita em forma de estratégias, já a teoria permeia o espaço de como são desenvolvidas as atividades em

sala pelo educador. Com essa ideia apresento a seguir os relatórios reflexivos das regências.

Relatório referente à primeira regência (03.06.2013) - 2h/aula

A primeira regência aconteceu de maneira tranqüila. Inicialmente foi feita a acolhida com a música "É uma partida de futebol", do grupo Skank, onde as crianças gostaram bastante de escutar a música, permanecendo concentrados sem conversar durante essa atividade. Em seguida, foi solicitado que os alunos identificassem e circulassem na letra da música palavras relacionadas com o esporte FUTEBOL. Observou-se que os meninos marcaram mais palavras que as meninas.

Após a acolhida, foi apresentado a sala o título do projeto "Atletas do saber", onde conversamos um pouco sobre os esportes que eles conheciam. Depois desse momento, foi apresentada a proposta do projeto para as crianças e todas gostaram do que foi sugerido, interessando-se mais por esportes olímpicos e as modalidades de vôlei e futebol. Ficou definido que iremos conhecer e jogar algumas modalidades, contudo, as principais serão vôlei e futebol.

Posteriormente, foi solicitado aos alunos que formassem grupos por afinidade com determinado esporte. Os esportes escolhidos foram vôlei e futebol. Após a formação dos grupos, cada equipe escolheu a cor representante da sua equipe no intuito de formarmos um gráfico com os esportes favoritos. Nesse momento, alguns meninos do futebol ficaram discutindo sobre a cor do grupo e, por conta disso, tive que intervir sugerindo outra cor, pois as crianças estavam escolhendo a cor do seu time (Ceará ou Fortaleza). Já a equipe do vôlei, escolheu sem discussões a cor da equipe, demonstrando organização durante toda atividade.

Ao final da aula foram perguntadas as crianças se gostaram ou não da aula, onde os alunos iriam responder levantando plaquinhas com SIM ou NÃO. Apenas uma criança respondeu que não, e esta participou em poucos momentos da aula. Conclui-se que as crianças gostaram da proposta do projeto e que esse interesse facilitará seu desenvolvimento social e cognitivo no decorrer do projeto.

Relatório referente à segunda regência (10.06.2013) - 1h/aulas

A aula referente há este dia corresponde a disciplina de Educação Física, onde foi trabalhada noções de regras de futebol, corrida, atividades recreativas envolvendo a cooperação e trabalho em grupo e reconhecimento de formas geométricas nos arredores da quadra.

Inicialmente as crianças apresentaram dificuldade a atender o que tinha sido pedido, pois os meninos queriam jogar futebol, porém o que tinha sido proposto era de corrida e corrente. Logo depois, as crianças gostaram da atividade e participaram com empenho.

Depois foi feita uma brincadeira chamada CORRENTE, em que as crianças tem que pegar umas as outras e quem for pegue tem que segurar a mão do colega para pegar os outros. Após a atividade conversamos sobre as dificuldades de pegar os outros quando estamos segurando as mãos de outra pessoa. As crianças disseram que era difícil pegar os outros porque cada um queria ir para uma direção. Depois foi feita a relação dessa brincadeira com a prática de esportes, em que devemos nos unir para alcançar um objetivo, que quando há comunicação, tudo fica mais fácil de resolver.

Por fim, jogamos futebol, não foi possível jogar em dupla, pois nenhuma criança aceitou. A princípio, as meninas não quiseram participar da atividade, pois disseram que não sabiam jogar futebol, mas depois eu disse que iria jogar menino contra menina e que eu também iria jogar e elas se animaram e participaram da atividade. Todos disseram que gostaram da aula, e a conseguiram recordar das atividades realizadas na aula.

Relatório referente a segunda regência (10.06.2013) - 3h/aulas

A aula ministrada neste dia corresponde à disciplina de Português, trabalhando o assunto de separação de sílabas e classificação quanto ao número de sílabas.

Inicialmente, lemos o texto "Fábula do porco-espinho" e depois foi perguntada as crianças o que podemos aprender com o texto, as crianças disseram que não deveriam ficar no frio, pois era perigoso, depois perguntei o que aconteceu com os porcos-espinhos que se afastaram do grupo e eles responderam que eles morreram, assim iniciamos a conversa sobre a importância do outro em nossa vida trazendo a discussão para o lado esportivo, como um jogador de vôlei joga, se é possível jogar sozinho no futebol, e as crianças puderam perceber a importância que cada jogador possui para que o time vença, nos esportes coletivos.

Depois foram perguntadas as crianças se eles sabiam trabalhar em equipe e pedido que formassem grupos de até 5 pessoas. A princípio, algumas crianças não

quiseram ficar em nenhum grupo, outras rejeitaram alguns colegas, apenas uma criança não participou de nenhum grupo.

A brincadeira era FORCA, foram explicadas as regras e as crianças gostaram da atividade, participando com empenho. A aula foi interrompida por uma queda na energia devido a reforma que estão fazendo na escola, e nós tivemos que sair da sala e partir para o plano B. A aula foi ministrada em baixo da mangueira, e mesmo com um ambiente desfavorável a concentração, as crianças conseguiram realizar as atividades propostas. Contudo, não foi possível terminar a explicação no primeiro horário, e continuamos a atividade na primeira aula do segundo tempo.

No segundo tempo (primeira aula) separamos as palavras encontradas na brincadeira de forca e outras formadas pelas crianças com as sílabas móveis, as crianças participaram da correção das atividades e apresentaram facilidade na resolução dos conteúdos.

Um fato que achei interessante na nessa aula, foi a participação e cooperação dos grupos do Aristeu e do Gabriel que possuem dificuldade em copiar e resolver atividades.

A turma se envolveu bastante por conta de da dinâmica da aula de que cada grupo deveria marcar pontos para ganhar uma surpresa ao fim do projeto, todos os grupos poderiam ganhar pontos caso atingisse o objetivo das atividades, não apenas um grupo, mas todos os que conseguiram atingir a meta. Os pontos também foram dados aos grupos que estavam organizados e participativos.

Relatório referente a terceira regência (12.06.2013) - 2h/aulas

A aula ministrada corresponde a disciplina de Matemática, referente ao assunto de formas geométricas planas e não-planas.

Inicialmente, as crianças visualizaram as formas geométricas planas: círculo, quadrado, triângulo e retângulo e as não-planas: esfera, cilindro, cone, pirâmide, cubo e paralelepípedo no data show, onde caracterizamos as figuras, quanto ao número de lados e se eram planas ou não-planas.

Ao perguntar o nome das figuras geométricas planas para as crianças, Ítalo, uma criança que normalmente não participa das atividades identificou várias formas que os

outros não conseguiram, sendo que a turma no geral não soube nomear as formas geométricas não-planas.

Posteriormente, foram apresentadas as crianças imagens de alguns esportes, em que eles tinham que identificar o esporte trabalhado e dizer com que forma geométrica a imagem se parecia. As crianças participaram bastante desse momento, porém, algumas delas não se concentraram e conversaram durante a exposição.

Depois desse momento, foram propostas as crianças que fizessem um desenho utilizando formas geométricas e pintá-lo com cola colorida. Durante essa atividade as crianças demonstraram-se despeças, demorando a compreender o que deveria ser feito, duas delas saíram da sala, pois estavam se batendo na hora da atividade.

Esse momento foi bastante corrido, pois como não podia deixar a cola com as crianças, pois não tinha o suficiente, então as crianças tinham que esperar que eu fosse até suas carteiras para fazer a atividade, o que fez com que algumas crianças se chateassem por não querer esperar.

Por fim, foram perguntados as crianças o que tínhamos estudado e muitos deles responderam os nomes das formas geométricas. As crianças gostaram da aula e demonstraram satisfação ao realizar a atividade.

Não foi possível realizar a atividade da montagem do quadro, classificando as formas planas e não-planas, pois o data show demorou a ser montado e porque a atividade do desenho demorou a ser realizada. Contudo, acredito que as crianças aprenderam a nomear as formas geométricas, mas ainda não as classificam se são planas ou não-planas, pois a visualização das imagens no data show não permitiu o entendimento de todas as dimensões dos sólidos geométricos. Observou-se que as crianças conseguiram identificar em vários objetos e espaços que possuíam as formas geométricas trabalhadas.

2.2.5 o que aprendi com e no estágio II

- ✓ **Registrar o que aconteceu de mais interessante na aula, como forma de auxílio no relatório, avaliação e auto-avaliação;**

Registrar o que acontece na aula permite que posteriormente, se possa refletir sobre aspectos que no momento da aula foram passados despercebidos, fazendo com que a cada dia melhoremos nossas aulas, além de perceber alterações no comportamento da criança, o que auxilia bastante na construção dos relatórios.

Pedir que os alunos avaliassem as aulas consiste em crescer como pessoa, permitindo que os alunos estejam próximos ao professor, criando vínculo, uma relação de confiança e comprometimento com o trabalho a ser feito, onde o aluno e professor participam ativamente do processo de aprendizagem.

Com os registros também podemos analisar nossa desenvoltura em sala, possibilitando a auto-avaliação, atitude sábia para quem deseja amadurecer profissionalmente.

- ✓ **Planejar detalhadamente cada momento da aula, sabendo ser flexível quando necessário;**

Ao planejar as estratégias desenvolvidas em sala possibilita que visualizemos o momento da aula antes que esta aconteça, além de fazer com que planejemos os detalhes dessa aula a fim de providenciar os recursos a serem utilizados. Porém, é necessário que o educador compreenda que existem imprevistos que ocorrem e que ele deve sempre pensar em outra forma de trabalhar o conteúdo, sabendo ser flexível de acordo com a necessidade de seu aluno.

- ✓ **Trabalhar com projetos**

Trabalhar com projetos foi uma experiência ímpar em minha vida, pois torna a aprendizagem ainda mais prazerosa para os alunos, para Behens (2006, p. 44)

> A proposta de Metodologia de Projetos enfatiza a necessidade de partir de um processo de aprendizagem que tem sentido para os alunos. A opção pela Metodologia de Projetos se justifica pela possibilidade de realizar atividades individuais aliadas às coletivas. A escolha da problematização na Metodologia de Projetos permite conectar a aprendizagem às necessidades que o aluno encontrará na realidade.

2.3 Estágio supervisionado III de livre escolha

O nome da disciplina acima diz respeito a seu caráter optativo, ou seja, o aluno pode escolher em que área realizará o estágio III, para isso, é necessário que o mesmo realize disciplinas também optativas referentes área escolhida, que funcionam como pré-requisito para o aprofundamento.

Já na disciplina de estágio III, a qual abordava sobre a gestão escolar, os conteúdos trabalhados diziam respeito ao planejamento escolar, dinheiro na escola pública, como são elaborados os projetos políticos pedagógicos na escola, como a escola se relacionava com os pais e alunos.

Diferente das outras disciplinas de estágio, esta era realizada da seguinte forma, primeiro estudávamos o texto base e na aula seguinte íamos a escola perguntar sobre o assunto do texto. Por exemplo: se numa aula estudávamos sobre a parte financeira, na outra aula elaborávamos um questionário para entrevistarmos as pessoas responsáveis pela área e em seguida observávamos o trabalho do núcleo gestor. Desta forma a parte prática compõe-se apenas de observação e entrevistas, o que permite ao aluno/estagiário ter uma noção de como funciona esta área na escola, já que não podemos nos colocar no lugar do gestor como se faz na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Tem como objetivo inicial "realizar constatações acerca do cotidiano escolar, mas, sobretudo, transformar a experiência do Estágio em oportunidade de análise propositiva de novas práticas de gestão da escola básica" (Trecho retirado da carta de apresentação da equipe à escola).

Nos momentos de observação da escola, conversamos com toda a equipe gestora da escola, onde em dias diferentes conversávamos com pessoas diferentes acompanhadas o seu trabalho durante aquele dia. A cada dia de observação conversávamos com a pessoa encarregada daquele setor, como o funcionamento da secretaria, função dos coordenadores de área, direção. Eram realizadas entrevistas com esses funcionários onde analisamos suas falas comparando com os textos lidos em sala.

Ao fim de cada entrevista, sempre nos reuníamos para discutir sobre a visão que cada integrante do grupo teve ao realizar a mesma. De tudo o que se observou nesse estágio, nota-se que a participação da diretora e um dos coordenadores da escola fizeram com que a instituição estivesse mais unida, promovendo encontros entre

funcionários e projetos que envolviam os alunos, o que possibilitava maior resultado quanto ao envolvimento dos estudantes com as ações desenvolvidas pela escola.

2.3.1 Contextualizando o lócus do estágio

A Escola de Ensino Médio localizada no bairro José Walter, possui uma rede de 920 alunos matriculados entres os turnos manhã (474), (176) tarde e (315) noite. As dependências da escola dispõem de 13 salas de aula, 4 laboratórios (entre Matemática, Ciências, Informática), 1 auditório, 1 sala de multimeios, sala extra (que serve para reuniões ou em caso de professores que juntam as turmas), além de quadra de esportes, banheiros e um amplo pátio.

2.3.2 Momento de observação

Ao chegarmos à escola fomos informados que recentemente a escola passou por uma situação incomum, o núcleo gestor havia sido todo reformulado devido protestos dos estudantes e da comunidade local contra a atuação da gestão anterior da escola (conferir matéria no link http://g1.globo.com/ceara/noticia/2011/12/alunos-se-amordacam-em-protesto-para-mudar-direcao-de-escola-no-ce.html), o que nos possibilitou o acompanhamento dos primeiros efeitos dessa mudança. Interessante ressaltar que houve uma chamada pública para seleção do grupo que concorreria a eleição da direção da escola. A seleção consistiu em prova de conhecimentos, curso preparatório, prova de titulação, analise de currículo e a elaboração e apresentação de uma aula.

Encontramos uma escola que consideramos satisfatória diante dos aspectos a serem observados na disciplina, apesar de a própria escola apontar dificuldades, assim como há em todas as escolas, mesmo que em diferentes áreas, e de nós confirmarmos em alguns fatores essa deficiência.

Veremos então os achados de nossa equipe na referida escola e as considerações que podemos destacar da experiência vivida e refletida com embasamento nos textos básicos da disciplina, dos documentos coletados e das leis que regem a legislação nacional em educação.

- **Projeto pedagógico**

A escola ainda não possui Projeto Político Pedagógico – PPP e o único regimento que a escola possui estão desatualizados isso ainda é consequência da gestão passada da escola, pois a gestão atual da escola assumiu no começo do ano e quando assumiram a escola não tinha o Projeto Pedagógico.

É necessário que uma escola possua o norte, uma missão, princípios, os quais devem estar explícitos em seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Uma escola que não utiliza esse documento, considerando- o desnecessário, não está preocupada com sua história, e tão pouco com suas ações dentro da sociedade. Mesmo que isso pareça um absurdo, a prática de não conhecer o PPP é bastante comum nas escolas. Ao longo do curso, visitei várias escolas a trabalhos da universidade em que não possuíam PPP, ou que não o reviam anualmente, como é sugerido.

Apesar de ainda não terem o PPP, o atual núcleo gestor tem consciência da importância desse instrumento para escola, pois nas palavras da diretora "o PPP é o norte da escola e define que tipo de cidadão a escola quer formar". Ainda segundo a diretora, é de fundamental importância traçar as metas que se quer alcançar, e para chegar lá é preciso ter um caminho bem definido.

Por reconhecer a necessidade que a escola tem de possuir um Projeto Pedagógico o núcleo gestor está começando a mobilizar os atores escolares para dar início ao processo de construção desse documento norteador.

Para isso acontecer a escola já fez uma breve explicação aos pais sobre o assunto, durante a última reunião de pais da escola, a fim de incentivar os pais que e conclamar os interessados a participar da construção do PPP. A escola já conta com o apoio do grupo de professores e funcionários para iniciar esse processo, mas falta a participação dos pais, que até agora só três se prontificaram.

- **Plano de trabalho**

Questionamos sobre esse tema a coordenadora pedagógica que assumiu o posto no lugar do coordenador que nos recebeu no inicio do semestre e precisou se afastar do cargo por motivos pessoais, estando ela a pouco mais de uma semana nessa função, nos deu informações bem gerais a cerca do assunto.

Ela, como coordenadora, tem a função de acompanhar os professores no desenvolvimento das suas atividades, principalmente no que diz respeito ao planejamento dos professores, que possuem dez horas semanais destinadas ao planejamento, porém como ela é formada em inglês e não tem domínio de todas as áreas ela conta com a ajuda dos Professores Coordenadores de Área - PCA's, que tem destinado 100h da sua carga horária para acompanhar os professores os quais são responsáveis, e assim dão um suporte ao coordenador pedagógico.

Entretanto, informações coletadas anteriormente com a diretora e o ex-coordenador nos possibilitam maior detalhamento do processo de planejamento. Há na escola um ambiente disponível apenas para os horários de planejamentos, onde os professores tem acesso a livros didáticos e à internet para prepararem suas aulas e traçarem seus planos de trabalho. Existe uma carga horária semanal reservada para a elaboração e avaliação do planejamento individual do professor, assim como um horário semanal para as reuniões de planejamento coletivo com os PCA's.

Nos diários de aula dos professores há o espaço para o planejamento bimestral, com objetivos e conteúdos a serem alcançados e trabalhados no bimestre, que devem ser definidos pelos professores, que são analisados pela coordenadora, mas que o acompanhamento mais próximo e mais freqüente será dos PCA's, que também são responsáveis por comunicar os resultados dos professores a coordenação pedagógica e a direção.

Ainda sobre o plano de aula a atual coordenadora nos disse que ele termina sendo um instrumento teórico, pois no dia-a-dia da prática escolar fica difícil ter tempo para fazer um plano do jeito que se aprende no curso de graduação, e ela relatou que essa sua fala vem a partir de sua experiência em sala de aula, já que a pouco tempo havia iniciado seu trabalho como coordenadora. Ela defende que o que se deve ter em mente, sempre, é o que se vai ensinar e para quê ensinar aquele conteúdo.

- **Avaliação da aprendizagem**

Em entrevista com a coordenadora, um dos mecanismos de avaliação, agora introduzido na escola, para os alunos que estão terminando o Ensino Médio, é o ENEM. E a escola sofre até uma pressão externa para que os alunos participem das provas.

Quando perguntamos sobre o censo ela não soube informar, mas nos falou que para o ensino médio ela só sabia da existência de um sistema chamado Sisu, a escola tem que, constantemente, alimentar esse sistema com as notas e a falta dos alunos, mas apontou que talvez seja por seu desconhecimento pessoal que esteja dando essa resposta, já que morou um bom tempo fora do Brasil e agora que está retornando.

Já em entrevista com a PCA's de humanas, ela acrescentou mais algumas informações. Uma dela foi sobre o provão da escola, sistema de prova única, que é realizado nos moldes do ENEM.

Sobre o rendimento escolar dos alunos, para a PCA, deixa a desejar, pois uma das maiores dificuldades desses é o fato de não gostarem de ler, o que para ela é muito necessário na prática escolar. Os mecanismos de avaliações utilizados no cotidiano da escola são os seminários, as atividades de casa e de sala de aula, os provões, os simulados (no modelo do Enem) e as avaliações bimestrais.

Na escola não há recuperação paralela, pois segundo a PCA esse tipo de avaliação não funciona já que não existe a "aula paralela" para realmente recuperar a aprendizagem do aluno que ficou deficitária naquele período. A recuperação ocorre então no final do ano e existe a possibilidade de se aplicar um trabalho adicional, contanto que haja uma avaliação com registro escrito dos conteúdos observando a correspondência do assunto ao período avaliado.

- **Recursos financeiros**

Os responsáveis pela área financeira da escola são a diretora e a coordenadora, denominada de "ordenadora de despesas". Entrevistamos a própria diretora, que é formada em Letras com habilitação em administração escolar. Ela possui experiência anterior em coordenação escolar de uma escola pública no município de Fortaleza, onde participou arduamente do processo de elaboração do PPP da instituição que trabalhou e no desenvolvimento de ações nele propostas.

A escola está passando por um momento de reestruturação, como foi dito anteriormente, depois da mudança do núcleo gestor, e uma das primeiras reformas se deu na fachada da escola, onde a diretora procurou recursos e conseguiu por meio de licitação a reforma do prédio da escola, pelo menos em parte dela, e este veio a ser o marco da transformação de pensamento que a comunidade escolar e local tinha sobre a escola. Voltando-nos aos detalhes da questão financeira vejamos de onde vem os recursos.

A escola estudada é de natureza pública e estadual, deste modo participa dos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE. Recebe verbas através de três instituições, são elas: SEDUC, Caixa Econômica e Banco do Brasil. Na CAIXA, são repassadas as verbas destinadas à merenda escolar a cada ano e o vale gás. No Banco do Brasil são repassados os recursos direcionados a manutenção escolar (materiais de consumo e serviços). Quatro parcelas de R$ 4.000,00 para consumo e quatro parcelas para serviços no valor de R$ 1.800,00 a R$ 2.200,00. Também existe o recurso do Programa Dinheiro Direto na Escola - PDDE, verba aplicada naquilo em que pais, professores e alunos apontam através do conselho escolar como prioridade.

Observamos também que a escola possui alunos que se encontram cadastrados no programa Bolsa família, o que tem contribuído para reduzir os índices de evasão já que para manutenção deste recurso aos alunos necessitam comprovar a frequência escolar.

A prestação de contas é feita a partir da apresentação de cheques, notas fiscais de pagamento e extratos bancários, os quais devem ser compatíveis nas datas, com o intuito de evitar desvio de verbas públicas na educação. Quando o recurso é de um valor acima de R$ 8.000,00 é obrigatório à realização de processo de licitação e que este seja publicado em nota no Diário Oficial da União.

As gestoras demonstram cuidado e seriedade na questão financeira e nos alertam sobre a complexidade que se é trabalhar em uma escola com a educação e principalmente com administração de dinheiro público.

- **Cotidiano da escola**

No tocante ao cotidiano escolar, são 800 horas/aula distribuídas em 200 dias letivos para o turno da noite que possuem apenas 4 aulas por dia, e nos turnos diurnos contabilizam 1.200 horas-aula já com 6 aulas por dia. Outro fato interessante a ser mencionado é que a grade curricular dos turnos diurnos é diferente do noturno, e a escola justifica isso pela realidade diferenciada do público noturno, trata-se em sua grande maioria de alunos que trabalham, já chegam bastante cansados e que terão que acordar cedo no dia seguinte e o tempo de aula deles tem que ter o melhor aproveitamento possível mesmo diante da carga horária diária reduzida.

Na escola só funciona o Ensino Médio nos três turnos (manhã, tarde e noite), com 965 alunos. A diretora comentou que as reuniões com os pais dos alunos da manhã e da tarde são realizadas pela noite, já no turno da noite, segundo a mesma, reunião com os pais é desnecessário, já que os alunos são responsáveis por si.

Outro fato que diferencia os turnos diurnos do noturno é a evasão escolar, de acordo com as entrevistas realizadas a escola exige 75% de freqüência para aprovação, e a maior parte das desistências ocorre no turno da noite. (dados fornecidos em entrevista com o coordenador da escola)

No que se refere aos horários, pela noite a aula se inicia por volta de 18:55 horas (tolerância que excede os 15 minutos) e vai até 22:00 horas, com o intervalo as 20:35h. As aulas da manhã e da tarde atendem aos horários padrões de todas as escolas públicas, apresentando tolerância de apenas 15 minutos para atrasos.

Algumas regras da escola também devem ser citadas como o fardamento, que apenas mediante a comunicação antecipada dos pais com a escola é autorizado a entrada na escola para a aula. Para que o aluno saia mais cedo é necessário que o pai autorize, e o coordenador é responsável por fazer a confirmação deste fato ligando para os responsáveis pelo aluno.

Encontramos nesta escola um cuidado em tentar cumprir as normatizações que regem educação, porém, alguns fatores ainda precisam ser trabalhados, principalmente no tocante as faltas de professores no turno da noite.

- **Relação Escola Comunidade**

No primeiro dia que chegamos á escola, fomos recebidos pelo coordenador (que precisou deixar o cargo por problemas pessoais durante o semestre). No decorrer da conversa que tivemos, ele comentou sobre os problemas de uma comunidade carente e de poucas oportunidades. Um aluno tinha ido à aula com uma barra de ferro que fora apreendida pelo segurança da escola. O aluno foi chamado e foi requisitado o comparecimento dos pais. Já havia passado mais de uma semana e os responsáveis ainda não tinham ido à escola. Segundo o coordenador acredita-se que os pais nem tomaram conhecimento.

As reuniões de pais e professores também não são muito frequentadas por conta dos horários de trabalho dos pais. A Direção então tenta contornar esse problema atendendo os pais em horários alternativos durante o dia. Outro problema é o fato de uma parte dos alunos já serem maior idade e, portanto, responsáveis por si. Esses alunos em sua maioria trabalham e com isso gera um novo problema, a evasão e os atrasos.

Contudo essa escola possui uma particularidade que não tivemos em outras experiências de estágio. A direção da escola no ano de 2011 foi questionada pelos alunos, professores e até pela comunidade. Em outro momento de conversa com o coordenador foi comentado alguns problemas de relacionamento da escola com a comunidade. Na verdade podemos perceber uma política de ética profissional, que não permite falar dos verdadeiros problemas. No entanto o coordenador relatou que os alunos se mobilizaram e juntamente com os moradores do bairro chegaram a abraçar a escola em protesto a antiga gestão da escola como anteriormente citado.

O resultado de toda essa mobilização foi à destituição dos gestores como um todo e a realização de um concurso para eleger a nova equipe gestora que também já foi explicado. A participação do grêmio estudantil foi primordial para essa conquista. Esse tipo de situação revigora o espírito da instituição, elevando a moral dos integrantes da comunidade escolar (alunos, professores, profissionais da educação e pais de alunos).

A nova diretora, em conversa com o grupo, comentou sobre o desafio de assumir uma escola da periferia e com um quadro de revolta extrema da comunidade a gestão anterior: “Para mim foi um desafio. Fiz questão de não saber nada sobre os acontecimentos e intrigas da antiga gestão. Não queria ter pré-julgamentos. Isso poderia comprometer meu trabalho e o resultado poderia ser o mesmo da antiga gestão”.

Esse comentário da diretora mostra o grau de profissionalismo dessa nova equipe. Nessa mesma conversa a diretora comentou que a princípio teve receio de assumir, por ser uma escola de periferia e que já apresentava uma realidade conflituosa, mas que hoje se sente totalmente à vontade e vê um grande potencial nos alunos e que está trabalhando não só para manter a aprovação da comunidade, mas também para trazê-la para trabalhar junto com a escola.

Com o objetivo de melhorar a situação da escola os gestores, funcionários e professores tem desenvolvido alguns projetos dentro da escola e tem visto seus efeitos, e que foram passíveis de identificação durante as visitas à escola.

- **Projetos da escola**

Na terceira visita fomos à biblioteca, onde conversamos com a professora responsável. A escola trabalha com alguns projetos que ajudam no desenvolvimento e aprendizagem, tanto dos alunos como na formação dos professores. Estes projetos funcionam como uma forma de estimular a leitura, escrita e possibilitam um maior envolvimento dos na escola. São eles estão os seguintes: **'Centro de Multimeios', 'Projeto Letras com arte', 'Projeto Ler é Bom Demais', 'Projeto Clube da Carta' e Projeto Leitor do Bimestre.**

Pudemos perceber que não é fácil o trabalho da gestão escolar, até mesmo porque, ao se propor ser um gestor e não apenas um administrador como Giedre Sá (2011), discute tão bem em seu livro "A gestão educacional na contemporaneidade e a construção de uma escola emancipatória à luz da teoria de Antonio Gramsci" o desenvolvimento do trabalho é mais difícil.

Reconhecer que o trabalho é árduo e que estamos lhe dando com vidas que precisam e tem o direito a uma educação de qualidade nos mostra ainda mais a importância da escolha que fizemos quando nos prontificamos a cursar pedagogia.

Saber estabelecer as prioridades diante de tantas demandas que se apresentam a escola é fundamental, a escola não tem como atender a todas elas de uma vez só, o que nos remete a Libâneo (2001) que nos diz que "A *gestão* é, pois, a atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para atingir os objetivos da organização, envolvendo, basicamente, os aspectos gerenciais e técnico-administrativos" (p. 318), ou seja, a gestão é que nos permite a organização dos recursos disponíveis (tanto materiais

como humanos) para que se obtenha ou se realizem as metas anteriormente estabelecidas em determinado ambiente.

A escola na qual estagiamos e analisamos nestas páginas, nos mostrou uma realidade onde a gestão democrática está sendo construída e devido uma luta da própria comunidade, que tem se conscientizado de seu dever como formadora e do dever da escola como lugar de educação. Não é por acaso que a gestão democrática na educação foi definida por meio do artigo 206, § VI da Constituição Federal (CF 1988) e também do artigo 3º, § VIII da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) *"*gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino*"*. Existe sim um motivo, uma necessidade social para que fossem criadas leis e normas descrevendo as atribuições da escola para com a sociedade.

Nós somos gratos pela oportunidade de ter aprendido e compreendido pela vivência que realmente "As escolas públicas não são organismos isolados, mas integram um sistema escolar e dependem das políticas e da gestão pública" (LÍBANEO, 2001, pág. 334), ela não pode trabalhar só, mas muitas mudanças que ocorrem na sociedade podem sim partir dela, através da ação de cada um que faz a educação.

2.3.3 O que aprendi com e no estágio III

- ✓ **Compreender melhor o papel da equipe gestora na escola pública;**

  A função do secretário da escola, direção, coordenação, bem como o papel destes estão relacionados a postura dos professores em sala, possibilitou uma melhor compreensão de como a escola tem que está em sincronia para funcionar.

- ✓ **Vivenciar os desafios enfrentados corriqueiramente na escola pública;**

  Na escola pública pude vivenciar os desafios enfrentados pela gestão escolar, algo bem diferente da realidade que vivi, pois a escola em que fiz o estágio III se localizava na periferia de Fortaleza e o turno da noite é constituído por alunos, sua maioria adultos. Essa experiência se diferenciava do local onde trabalhei e ainda trabalho, porque lá tinha contato apenas com crianças e com condições financeiras estáveis.

Somente a partir dessa experiência pude notar os riscos e desafios enfrentados pela gestão da escola, problemas como a entrada de alunos armados, tráfico de drogas e violência na escola, eram desconhecidos por mim já que até então só havia trabalhado com crianças até o quarto ano com boas condições financeiras.

- ✓ **Entender um pouco mais como a escola pública está organizada.**

Questões como a entrada do dinheiro, a utilização da verba na escola, como funcionam os programas, a questão da merenda escolar, procedimentos a serem tomados quando um aluno tem uma má conduta na escola, dentre outros aspectos foram vivenciados por mim durante o estágio III.

3 SABERES CONSTRUÍDOS E APRENDIZAGENS: A DOCENTE QUE ESTOU SENDO

> **“**A narrativa, como articulação de ações no tempo, pode mostrar o movimento de criar condições favoráveis à formação no complexo cotidiano escolar”**.**
>
> (WARSCHAUER, 2001, p. 191)

O professor na sua prática docente mobiliza vários saberes, que segundo Pimenta (1999), os saberes da docência são constituídos dos saberes da experiência, do conhecimento e os pedagógicos. Assim, vou refletir nesse capítulo sobre os saberes que construí e caracterizei ao longo da minha trajetória, a partir dessa categorização da Pimenta (1999).

3.1 Saberes da experiência

O curso de Pedagogia mudou a minha vida no sentido em que o tempo dedicado a ele possibilitou o conhecimento e estudo de pesquisadores que entendem a educação como algo libertador, capaz de mudar a vida do indivíduo.

Recordo-me de como a professora de Introdução a educação colocava que não era necessário apenas “dar aula” para que o aluno aprendesse, era necessária a preocupação do professor em entender como este aluno aprende. A partir daí conversamos em como estudiosos obtiveram sucesso ao fazer isso, e como a apropriação do conteúdo era e é importante para as pessoas, porque não se pode tirar o conhecimento de ninguém.

Quando realizamos nosso trabalho bem, possibilitamos aos nossos alunos o conhecimento, que mesmo que eles ainda se encontrem na Educação Infantil, aquele conteúdo aprendido de forma prazerosa, jamais será esquecido e funcionará como conhecimento prévio para tantos outros.

A maioria dos educadores que convivi na universidade se comprometia com o magistério e planejavam aulas dialógicas, contudo, com alguns educadores aprendi em como não agir enquanto professor, já que não faziam o mínimo esforço em manter uma

relação agradável entre professor-aluno, muitas vezes desrespeitando os educandos. Outros já não tinham interesse em trazer nenhuma novidade, suas aulas eram iguais, o que era bom por um lado, pois se você precisasse faltar não iria perder nenhum conteúdo. Mas, ainda bem que esses foram uma pequena minoria.

A formação no curso de Pedagogia possibilitou uma aprendizagem ímpar em minha vida, contudo, acredito que a formação de minha identidade hoje, é resultado de relações vividas enquanto aluna na escola e na universidade, filha e o convívio com familiares, pessoa nas relações estabelecidas no trabalho com outros profissionais, tudo isso, mesmo que de forma indireta influenciaram em minhas ações constituídas com ser na sociedade. Como afirma os autores Souza e Gallego (2010, p.201).

> É importante, também, entender a relação dialética que se estabelece entre a narrativa e experiência. Foi preciso algum tempo para construir a ideia de que assim como a experiência produz o discurso, este também produz a experiência. Há um processo dialético nesta relação que provoca mútuas influências.

Além de tudo isso, deve-se esperar pelo inesperável, saber que muitas vezes vão surgir situações em que nenhum estudioso abordou e que você tem que solucionar a questão rapidamente, o que somente a sabedoria e experiência podem ajudar.

No estágio I, lembro que a prática na própria instituição em que estagiava, fez com que percebesse falhas em mim que por conta da correria do dia-a-dia e o convívio com profissionais que se conformavam em "dançar conforme a música" me fez refletir as seguintes questões: como estou sendo enquanto estagiária? Como serei quando for professora e não possuir pessoas que me digam o que fazer? Como vou agir?

Tempos depois ao assumir como professora pôde perceber que mesmo não possuindo experiência em outras escolas, o meu ser professora poderia ser diferente daquilo em que vivenciava enquanto estagiária, mesmo fazendo parte da mesma instituição.

Acredito que o acompanhamento e observação dos processos durante os estágios funcionam como uma preparação para assumir o lugar do professor, pois ao conhecer a turma, torna-se mais fácil visualizar a aula, usando o melhor recurso, pensando nos alunos que possuem mais facilidade a fim de usá-los como ponte para aprendizagem de outros. Conhecer o grupo é importante para a aprendizagem individual.

Já nos estágio II, o exercício de escrever a prática de ensino, através dos diários e relatórios das regências, proporcionou a reflexão dos mesmos. Nos diários,

relatávamos sobre o que se aprendeu na aula, o que considerei mais importante, além de relacionar os textos aos debates em sala, proporcionando uma maior fixação do conteúdo. Nos relatórios das regências, escrevi sobre o que tinha dado certo ou não e o motivo do resultado da aula, fazendo com que pensasse o porquê daquilo.

Em seu livro "A prática de ensino e o estágio supervisionado", Piconez (2005), relata a experiência vivida como professora dos estágios supervisionado, um dos problemas enfrentados pela autora foi a falta de conhecimentos teóricos dos alunos que já cursavam o 3º ano do curso de Pedagogia, a pesquisadora relata que os alunos se encontravam em um estado de "teoricamente hibernados". A autora aponta que durante todo o tempo anterior ao estágio, os educandos não estudam os textos com o objetivo, apenas agem sem refletir sobre o assunto.

Acredito que o momento do estágio proporciona de forma completa essa reflexão teórica da prática para quem ainda não trabalha na área. Já para aqueles que atuam na área, conseguem vivenciar mais momentos de reflexão durante as outras disciplinas, por isso considero que o estágio não obrigatório, possui papel fundamental na formação do pedagogo.

3.2 Saberes do conhecimento

Sou uma educadora que acredita no diálogo de Paulo Freire, na afetividade de Wallon, na mediação da aprendizagem de Vygotsky e que defende a construção da identidade contínua de Pimenta e Lima, e tantos outros autores em que baseio minha prática. Acredito que o aluno é o sujeito de seu processo de aprendizagem e que tudo o que devemos fazer é buscar formas de trazer o conhecimento de forma prazerosa para nossos alunos, a fim de possibilitar seu desenvolvimento.

Acredito em uma aprendizagem desenvolvida a partir da construção do conhecimento e que este surge a partir de uma pré-ocupação do indivíduo, de acordo com Cortella (2003), o conhecimento não é algo que surge de repente, como um passe de mágica, instantâneo, mas é algo que é desenvolvido a partir das ocupações que este ser possui que influenciam no resultado de sua pré-ocupação. Penso que nós devemos fornecer elementos que instiguem, ensine a criança a pesquisar a aprender de forma

prazerosa, porque aprender é bom, é agradável é útil. O professor deve possibilitar o ensino de uma forma que se perceba a função daquele conhecimento na realidade do aluno.

Concordo com Cortella (2004, p.124) quando este afirma que " [..] a criação e recriação do conhecimento na escola não está apenas em falar sobre coisas prazerosas, mas, principalmente, em falar prazerosamente sobre as coisas; ou seja, quando o educador exala gosto pelo que está ensinando , ele interessa nisso também o aluno."

3.3 Saberes pedagógicos

Para ser professor é necessário mais que estudar os textos lidos na sala de aula, tem que se dedicar ao que o autor diz nas entrelinhas e adequá-los a nossa realidade. Não basta ter afinidade com a profissão, tem que amá-la. É necessário sabedoria, discernimento ao agir, pois lidamos com seres em formação e nossas atitudes são exemplos para eles. Não basta ter disposição, acompanhar o ritmo de uma não, de várias crianças, entendendo que o movimento faz parte da aprendizagem. Tem-se que pesquisar todos os dias e procurar entender o porquê de cada questionamento não respondido, a fim de melhorar a cada dia. Tem que ser criativo, recriar, reinventar, ser polivalente. Tem que se conhecer o aluno e fazê-lo crescer, no intuito torná-lo capaz.

Para ser professor não basta só conhecer todas as teorias e adotar métodos diversificados, tem que doar a cada dia com amor e carinho por cada um de seus alunos, sempre lembrando de que nós, verdadeiros professores, podemos fazer a diferença na vida desses pequenos seres.

A atuação como profissional durante a formação em pedagogia possibilitou uma reflexão sobre como me constituo professora, afim de a cada dia melhorar, pude amadurecer no decorrer do curso, quanto a respeito de ser uma educadora de qualidade seguindo princípios, os quais tenho desde criança, além de visualizar a formação que deve ser contínua.

Ao longo de minha trajetória, sempre tomei como modelos as ações que considerava relevante, no entanto, sempre ao colocar em prática observava que deveria agir da minha forma, procurando resolver os conflitos de acordo com meus princípios, pautados nas teorias que tive acesso durante a formação em Pedagogia.

No decorrer do curso aprendi a valorizar ainda mais a minha profissão, pois foi ela que escolhi, e que até hoje gosto do que faço, reconheço a importância de ser professor na sociedade. Durante a graduação, era comum o comentário tecido pelos estudantes que "o curso de Pedagogia é muito desvalorizado", ou que "as pessoas não valorizam o professor", porém o que notei é que a maioria dessas pessoas não valoriza a si, e repetem aquilo que outros dizem por não acreditarem ou ainda não entender seu papel na sociedade.

Refletir sobre minhas ações foi algo que desenvolvi ao longo do curso, assim como as concepções de desenvolvimento infantil segundo os teóricos, a construção do conhecimento, dentre outros saberes.

De tudo o que foi aprendido, vale ressaltar a importância da relação entre a teoria e a prática, já que este trabalho aborda a formação docente a partir das vivências dos estágios supervisionados. "Muito aprendi não só com meus colegas no cotidiano do fazer docente, mas também na sala de aula com meus alunos, com meus pais, com meus professores dos cursos que tenho feito, com as histórias de cada um". (ALMEIDA, A. M.B [et. al]. 2004, p. 107)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como toda monografia, existem dificuldades encontradas no decorrer do percurso que muitas vezes fazem com que o aluno se desestimule em escrever, contudo, desde que iniciei escrever sobre este assunto, senti-me motivada, pois, foi um exercício o qual considero importante na vida, para e analisar como foi esse processo de formação ao longo desses anos. Acredito que esse exercício possibilitou uma reflexão que me ajudou a realizar uma autoanálise, no intuito de ver o que foi mudado em mim desde o início do curso, fazendo com que tome consciência do que foi aprendido.

A meu ver a formação da identidade do pedagogo é constituída pelo convívio que se estabelece entre os colegas de sala, professores e textos (referenciais teóricos). Todos estes são assimilados por nós como experiências boas ou ruins, cabe a nós aprender com os erros, discernir e escolher como devemos agir. No meu caso, ao longo do curso de Pedagogia, sempre gostei de comparar as estratégias utilizadas pelos professores, sua postura em sala, organização, explicação em sala, como se portava na hora de tirar uma dúvida. Ao fazer isso, indagava se as posturas apresentadas pelos educadores correspondiam aquilo que acreditava ser o correto, e aos poucos comecei a me moldar em sala com os meus alunos. Toda experiência traz aprendizagem, mesmo quando não concordava com a postura de determinado professor, o que aconteceu poucas vezes durante a formação no curso, sempre comentava com os colegas que eu tinha aprendido em como não fazer algo.

A escolha por essa temática foi bastante demorada, contudo acredito que as outras temáticas que foram temporariamente meu tema de monografia serão no futuro objeto de pesquisa para outros trabalhos. Acredito que a mudança constante de tema possibilitou um conhecimento, mesmo que básico de diversos assuntos. Contudo, a escolha por fazer uma autoanálise sobre minha trajetória de vida possibilitou que todos os assuntos que já escrevi estão de alguma forma presente nesse trabalho.

Escrever sobre algo que se vive é uma tarefa complexa, pois ao mesmo tempo em que escrevemos a respeito da experiência passada fazemos novas reflexões sobre o assunto, exercício que requer diálogo entre o que se escreve o que se viveu e o que se pode aprender com a experiência.

Acredito que consegui descrever e analisar o meu percurso durante os períodos em que cursei as disciplinas dos Estágios supervisionados, os quais foram explicitados a

partir das reflexões realizadas a partir dos registros das vivências no decorrer do curso e da vida.

É necessário que haja concursos para efetivos, pois dessa forma, seriam ofertadas disciplinas em horários diversos, o que não acontece, existem disciplinas que são ofertadas somente pela tarde ou manhã, como era do turno da noite nunca pude realiza-las. Para a conclusão do curso, é necessário cursar disciplinas obrigatórias e optativas, contudo, nem sempre podemos escolher a que podemos fazer por conta do horário. No quinto semestre fiz uma optativa que só tinha sido ofertada ela no meu turno, o interessante é que quando a professora perguntou aos alunos por que tinham escolhido a mesma, a grande maioria da turma disse que esta era a única optativa disponível, o que causou uma situação desagradável para os alunos e principalmente para a educadora.

Se pudessem realizar mudanças no curso, procurava possibilitar a maior opção de disciplinas optativas para que os alunos pudessem escolher realmente seus aprofundamentos, proporcionava mais bolsas de estudo, no intuito de possibilitar a prática desde o início do curso e estimularia os alunos a participarem de estágios não obrigatórios desde o começo do curso, no intuito de aproximar ainda mais a teoria da prática.

A falta de estrutura física sucateada e a falta de professores na universidade, muitas vezes dificultavam a aprendizagem. Concluí o curso sem perder nenhuma disciplina por falta de professores, contudo, em duas matérias, já cheguei a ter mais de 40 colegas de classe, o que muitas vezes dificultou a dinâmica do professor, e outros companheiros de curso se atrasaram por conta da escassez de professores. A maioria destes era substituta, e desde que entrei não foram feitos concursos para efetivos.

Desenvolver um trabalho abordando a formação docente foi uma experiência prazerosa já que possibilitou a reflexão de vivencias tão importante para meu desenvolvimento enquanto estudante e profissional. Ao escrever sobre as vivencias dos estágios pude avaliar como me construo professora, não só a partir dessas, mas também da convivência com professores no curso de Pedagogia, alunos e colegas de trabalho.
Refletir, comparar realidades, aprender com o professor e a partir de sua postura em sala fez com que a construção desse trabalho me fizesse viver novamente as experiências

registradas e possuir uma nova visão sobre a influência destas em minha formação docente.

Ao realizar esse trabalho pude perceber que a educação é construída a cada dia, todos os dias, ensinamos e aprendemos educar é uma tarefa interminável como dizia Freud. Por isso, devemos ter a consciência de que podemos fazer a diferença na vida de nossos alunos e o que proporcionamos a ele jamais lhes será tirado.

Quando somos professores comprometidos com nosso trabalho, desempenhamos nosso papel na sociedade, contribuímos de maneira positiva na vida dos educandos, valorizamos nossa profissão, bem como se agirmos de maneira contrária, contribuímos negativamente para o crescimento de nossos alunos, causando muitas vezes danos irreparáveis, desvalorizamos o nosso trabalho, se nós consideramos que o que fazemos não tem valor diante da sociedade como a sociedade acreditará em nosso trabalho?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. B. et al. **Dialogando com a escola**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

ANTUNES, Celso. **Primeiros degraus**. São Paulo. Edição Loyola, 2012.

BEHRENS, Marilda Aparecida, **Paradigma da complexidade:** metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição [da] República Federativa do Brasil, art. 206, § VI**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Federal n.9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CASTRO, Cláudio de Moura, **Professores e pianistas,** Escola (janeiro/fevereiro), 2003.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento:** fundamentos epistemológicos e políticos. 7. ed. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003. (Coleção prospectiva 15).

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FARIAS, I. M. S. et al. **Didática e docência:** aprendendo a profissão. Fortaleza: Liber Livro, 2008,

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

_____. **Pedagogia da autonomia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Sãão Paulo : Cortez, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. O sistema de organização e gestão da escola. In: ORGANIZAÇÃO e gestão da escola **-** teoria e prática. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Org.). Henri Wallon. **Psicologia e Eeducação**. São Paulo: Loyola, 2009.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social, teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

OSTETTO, L. E. **Educação infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2008.

_____. **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. São Paulo: Cortez, 1999.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PROJETO Político Pedagógico do curso de pedagogia da UECE.

SÁ, Griedre Terezinha Ragnini. **A gestão educacional na contemporaneidade e a construção de uma escola emancipatória à Luz da teoria de Antonio Gramsci**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro:** uma parceria entre professor, aluno e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. **Rodas em rede:** oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

.